



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

ANA KAROLINE ARAÚJO DA SILVA

**DOENÇAS PSICOSSOCIAIS: CONSEQUÊNCIAS NO AMBIENTE DE TRABALHO
DOS FARMACÊUTICOS**

CARUARU

2024

ANA KAROLINE ARAÚJO DA SILVA

**DOENÇAS PSICOSSOCIAIS: CONSEQUÊNCIAS NO AMBIENTE DE TRABALHO
DOS FARMACÊUTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Acadêmico do Agreste – CAA, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Administração, na modalidade monografia.

Área de concentração: Gestão de Pessoas

Orientador: Prof. Dr. Luciana Cramer.

CARUARU

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Ana Karoline Araujo da.

Doenças Psicossociais: consequências no ambiente de trabalho dos farmacêuticos /
Ana Karoline Araujo da Silva Silva. - Caruaru, 2024.
55p

Orientador(a): Luciana Cramer Cramer

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Administração, 2024.

Inclui apêndices.

1. Doenças Psicossociais. 2. Saúde Mental. 3. Farmacêuticos. 4. Ambiente de
Trabalho. I. Cramer, Luciana Cramer. (Orientação). II. Título.

150 CDD (22.ed.)

ANA KAROLINE ARAÚJO DA SILVA

**DOENÇAS PSICOSSOCIAIS: CONSEQUÊNCIAS NO AMBIENTE DE TRABALHO
DOS FARMACÊUTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Administração da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito parcial
para a obtenção do título de bacharel em
Administração.

Aprovada em: 18/10/2024.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luciana Cramer (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Maria Auxiliadora do Nascimento Mélo (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Alane Alves Silva (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho a minha mãe
Cristiane Valéria e, in memoriam, a minha avó
Cecília Araújo, minhas companheiras
incansáveis em todos os momentos da minha
jornada, sem as quais eu não teria chegado até
aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho, além de inspiração e sabedoria para chegar até aqui, pois sei que, sem Ele, nada do que foi realizado seria possível, e com Ele posso alcançar caminhos mais altos.

À minha querida orientadora, Profa. Luciana Cramer, pela compreensão, atenção, paciência e dedicação; sem sua disponibilidade e ajuda, eu não teria conseguido realizar este trabalho. Muito obrigada!

Aos meus familiares: meus queridos irmãos Anderson Thiago e Alisson Diogo, e meu tio Manoel Reginaldo, que sempre me incentivaram e apoiaram.

Ao meu esposo, Anderson Bruno, que esteve ao meu lado em todos os momentos. Amo muito você!

Aos meus queridos professores da UFPE-CAA, que, durante todos esses anos, foram essenciais, compartilhando conosco seus conhecimentos teóricos, sem os quais este processo de crescimento pessoal e profissional seria impossível.

Aos meus amigos de sala, Ananda, Cristiano, Joyce, Rayanne, Rayza, Tatiane, Venâncio, Anderson e Jéssica, que sempre me encorajaram a vencer todos os obstáculos de cada período, dizendo que eu conseguiria e era capaz. Muito obrigada! Vocês foram colocados por Deus em minha trajetória, e agradeço a Ele por suas vidas.

Obrigada por tudo!

"O Bem-aventurada és tu que creste, pois se hão
de cumprir as coisas que da parte do Senhor te foram ditas!"
(Lucas 1:41 - Bíblia Sagrada)

RESUMO

O presente trabalho aborda as doenças psicossociais, focando nas suas consequências no ambiente de trabalho dos farmacêuticos. As doenças psicossociais, que incluem transtornos como a ansiedade, depressão e Síndrome de Burnout, surgem como resultado da interação entre fatores psicológicos e sociais presentes no ambiente de trabalho. A pesquisa se fundamenta em uma revisão de literatura que destaca a importância do bem-estar psicológico para a manutenção da saúde e da qualidade de vida no trabalho. A rotina dos farmacêuticos é caracterizada por demandas intensas e pressões constantes, incluindo a necessidade de atendimento ao cliente, atividades administrativas e clínicas, que, quando excessivas, podem gerar estresse e, consequentemente, contribuir para o surgimento de doenças psicossociais. Os desafios enfrentados por esses profissionais estão intimamente ligados à falta de suporte psicológico, condições inadequadas de trabalho e a pressão por resultados, o que potencializa o desgaste emocional. O estudo traz em seu questionário fatores como a carga horária excessiva, a falta de recursos e a ausência de um ambiente de trabalho que promova o cuidado e a valorização do trabalhador. A análise dos resultados obtidos demonstra que a sobrecarga de trabalho e a falta de estratégias efetivas resulta em um ciclo vicioso que prejudica tanto o profissional quanto a qualidade do atendimento prestado aos pacientes. Além disso, o trabalho propõe a implementação de medidas que visem à prevenção das doenças psicossociais no ambiente farmacêutico, como a promoção de programas de saúde mental, capacitação em gestão de estresse e a criação de um ambiente de trabalho que favoreça a comunicação e o suporte entre os profissionais. Tais ações não apenas contribuem para a saúde mental dos farmacêuticos, mas também para a melhoria da qualidade do serviço prestado, refletindo diretamente na satisfação dos pacientes e na eficácia do sistema de saúde. Por fim, a pesquisa conclui que o cuidado com a saúde mental no ambiente de trabalho é essencial para garantir o bem-estar dos farmacêuticos e a qualidade do serviço de saúde oferecido. A necessidade de uma abordagem multidisciplinar que considere os aspectos psicossociais da profissão é fundamental para promover um ambiente de trabalho saudável e produtivo, reduzindo os impactos negativos das doenças psicossociais e promovendo a qualidade de vida dos trabalhadores.

Palavras-chave: Doenças Psicossociais; Saúde Mental; Farmacêuticos; Ambiente de Trabalho.

ABSTRACT

This study addresses psychosocial illnesses, focusing on their consequences in the work environment of pharmacists. Psychosocial illnesses, which include disorders such as anxiety, depression, and burnout syndrome, arise from the interaction between psychological and social factors present in the workplace. The research is based on a literature review highlighting the importance of psychological well-being for maintaining health and quality of life at work. Pharmacists' routines are characterized by intense demands and constant pressures, including the need for customer service, administrative tasks, and clinical activities, which, when excessive, can lead to stress and consequently contribute to the emergence of psychosocial illnesses. The challenges faced by these professionals are closely linked to the lack of psychological support, inadequate working conditions, and pressure for results, which exacerbate emotional exhaustion. The study's questionnaire addresses factors such as excessive workload, lack of resources, and the absence of a work environment that promotes care and appreciation for workers. The analysis of the results shows that work overload and the lack of effective strategies result in a vicious cycle that harms both the professionals and the quality of patient care. Additionally, the study proposes implementing measures aimed at preventing psychosocial illnesses in the pharmaceutical environment, such as promoting mental health programs, stress management training, and creating a work environment that encourages communication and support among professionals. These actions not only contribute to pharmacists' mental health but also improve the quality of service provided, directly impacting patient satisfaction and the effectiveness of the healthcare system. Finally, the research concludes that caring for mental health in the workplace is essential to ensure pharmacists' well-being and the quality of the healthcare services offered. The need for a multidisciplinary approach that considers the psychosocial aspects of the profession is fundamental to promoting a healthy and productive work environment, reducing the negative impacts of psychosocial illnesses, and enhancing workers' quality of life.

Keywords: Psychosocial Illnesses; Mental health; Pharmacists; Work Environment.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade dos participantes	41
Gráfico 2 – Sexo dos participantes	41
Gráfico 3 – Tempo de profissão dos participantes	42
Gráfico 4 – Tipos de atividades dos farmacêuticos	44
Gráfico 5 – Desafios encontrados pelos farmacêuticos	45
Gráfico 6- Vantagens de ser farmacêutico	47
Gráfico 7 – Desvantagens de ser farmacêuticos	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	PERGUNTA DA PESQUISA	13
1.2	OBJETIVOS.....	15
1.2.1	Objetivo Geral.....	15
1.2.2	Objetivos específicos.....	15
1.3	JUSTIFICATIVAS	16
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.1	DOENÇAS PSICOSSOCIAIS.....	18
2.2	AS ORGANIZAÇÕES	19
2.2.1	Organizações públicas, privadas e de terceiro setor	21
2.2.2	Organizações e as Doenças Psicossociais.....	24
2.3	CONCEITO DE DOENÇAS PSICOSSOCIAIS.....	25
2.4	ABORDAGEM PSICOLÓGICA E SOCIOLÓGICA SOBRE AS DOENÇAS PSICOSSOCIAIS	27
2.5	PRINCIPAIS FONTES DE PRESSÃO NO AMBIENTE DO TRABALHO COMO POTENCIAIS CAUSADORES DAS DOENÇAS PSICOSSOCIAIS	28
2.6	PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS DAS DOENÇAS PSICOSSOCIAIS NOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE	30
2.7	TRANSTORNOS NO TRABALHOS PROVOCADOS PELAS DOENÇAS PSICOSSOCIAIS	31
2.8	O DESENCADEAMENTO DAS DOENÇAS PSICOSSOCIAIS AOS FARMACÊUTICOS.....	33
3	METODOLOGIA	35
3.1	ESTUDO DE CASO	37
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	39

4.1	PERFIL DOS PARTICIPANTES	39
4.2	ROTINA DE TRABALHO	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	50
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	53

1 INTRODUÇÃO

As doenças psicossociais estão entre as principais preocupações de saúde no ambiente de trabalho contemporâneo, especialmente em profissões que exigem contato direto com o público e grande responsabilidade, como é o caso dos farmacêuticos. De acordo com Souza (2016), essas doenças incluem depressão, ansiedade, estresse crônico e esgotamento mental, que afetam a saúde física, mental e emocional dos trabalhadores. A interação constante com clientes, a necessidade de precisão no manuseio de medicamentos e a pressão por excelência no atendimento são fatores que tornam os farmacêuticos especialmente vulneráveis a essas doenças psicossociais. As doenças psicossociais apresentam sintomas complexos que, se não tratados, podem comprometer significativamente a qualidade de vida e o desempenho profissional.

A exaustão emocional, por exemplo, pode se manifestar em distúrbios físicos e psicológicos, como dores musculares, insônia, falta de motivação e irritabilidade. Segundo Codo (2006), o ambiente de trabalho onde há alta demanda e longas jornadas sem adequadas pausas está fortemente relacionado ao surgimento de doenças psicossociais. Além disso, a pressão constante para atingir metas e o desgaste nas interações com o público, especialmente em períodos críticos como pandemias, intensificam esses sintomas, comprometendo não apenas a saúde do trabalhador, mas também a segurança dos pacientes atendidos. Isso pelo fato de profissionais lidarem com a saúde de terceiros e precisarem estar em condições plenas de saúde para evitar erros que podem comprometer a saúde dos clientes.

De acordo com Benevides e Pereira (2002), os profissionais de saúde estão entre os grupos mais vulneráveis ao impacto das doenças psicossociais devido ao intenso envolvimento emocional e à expectativa de qualidade e precisão no atendimento. Para os farmacêuticos, em particular, o risco é ainda maior por trabalharem diretamente com medicamentos e orientações aos pacientes, o que aumenta a carga emocional e a necessidade de atenção constante. Nesse sentido, de acordo com Rodrigues e Santos (2017), a ausência de suporte organizacional adequado pode agravar essas condições, contribuindo para o absenteísmo, a rotatividade e a redução da produtividade no ambiente de trabalho.

As consequências das doenças psicossociais não afetam apenas o indivíduo, mas também todo o ambiente de trabalho. Codo (2006) salienta que a presença de profissionais debilitados emocionalmente pode reduzir a qualidade dos serviços prestados, aumentando a

probabilidade de erros operacionais e falhas na comunicação. Isso é particularmente perigoso em ambientes de saúde, como farmácias e hospitais, onde decisões rápidas e assertivas são essenciais para garantir o bem-estar do paciente. Nesse contexto, a implementação de políticas de saúde mental no ambiente de trabalho torna-se indispensável para prevenir tais doenças e promover um ambiente mais saudável e produtivo.

Este trabalho tem como objetivo investigar o impacto das doenças psicossociais no bem-estar físico, emocional e mental dos farmacêuticos, analisando suas consequências no desempenho profissional e na qualidade do atendimento aos clientes. Além disso, busca identificar as principais causas dessas doenças, incluindo as condições de trabalho, a carga horária e as demandas emocionais enfrentadas, isso será realizado através do estudo de caso. A pesquisa visa contribuir para a conscientização sobre a importância da saúde mental no setor farmacêutico, propondo medidas de apoio que promovam um ambiente de trabalho mais saudável e equilibrado para os profissionais.

1.1 PERGUNTA DA PESQUISA

O dia a dia do farmacêutico comercial é altamente dinâmico e frequentemente desafiador. Além das responsabilidades tradicionais ligadas às atividades farmacêuticas, como a dispensação de medicamentos e o acompanhamento de tratamentos, esses profissionais também desempenham funções diretamente ligadas ao atendimento ao cliente no balcão, muitas vezes acumulando a responsabilidade de realizar tarefas administrativas e burocráticas em momentos de alta demanda. Essas múltiplas funções, quando aliadas a uma carga de trabalho excessiva, podem gerar impactos significativos tanto na produtividade quanto no bem-estar físico e mental dos farmacêuticos.

O trabalho, sendo um dos pilares centrais da vida em sociedade, é fundamental não apenas para a subsistência, mas também para a realização pessoal e a construção de identidade. Como aponta Dejours (2015), o trabalho é um elemento crucial na constituição da subjetividade humana, sendo por meio dele que o indivíduo se posiciona frente à sociedade, define sua contribuição para o coletivo e traça perspectivas para o futuro. No entanto, quando as exigências do trabalho excedem a capacidade do indivíduo de lidar com as demandas, surge o risco de sobrecarga, o que pode levar ao esgotamento e à sensação de fracasso. As doenças Psicossociais, neste contexto, surgem como uma resposta patológica à sobrecarga e à falta de recursos emocionais e físicos para suportar essa pressão.

As doenças psicossociais englobam um conjunto de transtornos mentais e emocionais que surgem em resposta a situações de trabalho desgastantes, onde as demandas superam a

capacidade do indivíduo de gerenciá-las de forma saudável. Para os farmacêuticos, que muitas vezes enfrentam situações de alta pressão e rotinas extenuantes, essas doenças podem impactar profundamente sua qualidade de vida e desempenho profissional.

A pressão por cumprimento de metas, a alta responsabilidade no manuseio de medicamentos e o contato direto com clientes, em especial em situações de urgência ou conflito, tornam os farmacêuticos particularmente suscetíveis a doenças psicossociais. Segundo Codo (2006), a constante exposição a situações de tensão, combinada com a falta de um ambiente de trabalho adequado para a recuperação física e mental, pode desencadear sintomas como cansaço extremo, irritabilidade, insônia, problemas de concentração e baixa motivação. Esses sintomas, ao se acumularem, podem prejudicar diretamente a saúde do trabalhador e também a qualidade do atendimento prestado aos clientes, criando um ciclo vicioso que agrava ainda mais o quadro emocional dos profissionais.

Além dos fatores individuais, o ambiente organizacional desempenha um papel crucial no desenvolvimento de doenças psicossociais. De acordo com Dejours (2015), quando as condições de trabalho são hostis ou não oferecem suporte emocional e psicológico adequado, o risco de desenvolvimento de transtornos psicossociais aumenta significativamente. No caso dos farmacêuticos, a necessidade de lidar com situações delicadas e de grande responsabilidade, como o aconselhamento em casos de automedicação, a supervisão de tratamentos e a realização de atividades administrativas cumulativas, eleva o nível de estresse. Isso, somado à falta de suporte institucional e a jornadas de trabalho longas, faz com que esses profissionais sejam fortemente afetados por problemas de saúde mental, como a depressão e a ansiedade.

Os impactos dessas doenças podem se manifestar em diversas esferas da vida dos farmacêuticos. No ambiente de trabalho, a queda de produtividade é evidente, assim como a diminuição da qualidade do atendimento ao cliente. Além disso, muitos farmacêuticos relatam problemas de relacionamento interpessoal, tanto com colegas quanto com os próprios clientes, devido à irritabilidade e ao esgotamento físico e mental. Para Benevides (2002), a longo prazo esses problemas podem levar ao afastamento temporário ou permanente do trabalho, além de aumentar o risco de comorbidades, como doenças cardíacas, hipertensão e outros problemas físicos decorrentes do estresse crônico.

Diante deste cenário, surge a pergunta que norteia este trabalho: "Qual é o impacto das doenças psicossociais na vida dos farmacêuticos?" A presente pesquisa busca investigar como essas condições afetam tanto o bem-estar físico e emocional desses profissionais quanto a qualidade do trabalho que desempenham, analisando de que forma as condições de trabalho, a carga horária e as interações com o público contribuem para o desenvolvimento dessas doenças.

A partir dessas análises, espera-se fornecer subsídios que possam auxiliar na elaboração de medidas preventivas e de suporte aos farmacêuticos, com o objetivo de melhorar a saúde mental e o desempenho profissional no setor.

2.2 OBJETIVOS

Para Souza (2017), os farmacêuticos desempenham um papel fundamental nas farmácias, pois estão presentes na assistência ao paciente/cliente, visando ao bem-estar e à saúde deles. Dessa forma, os farmacêuticos asseguram a total assistência terapêutica, oferecendo orientações sobre o acesso e o uso racional dos medicamentos. No entanto, muitos desses profissionais têm contato direto com o público e, muitas vezes, são confundidos com atendentes ou balconistas. Essa confusão pode resultar em agressões verbais, especialmente quando há a proibição da venda de medicamentos que só podem ser adquiridos com receita médica. Além disso, há um excesso de cobrança por parte da gerência para o cumprimento de metas. Esses e muitos outros fatores afetam negativamente os trabalhadores, podendo causar danos à sua saúde física e mental, como estresse crônico, e até levar ao esgotamento máximo.

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho é investigar o impacto das doenças psicossociais na saúde e no bem-estar dos profissionais da área farmacêutica. A pesquisa busca compreender os efeitos dessas condições no desempenho profissional e na qualidade do atendimento, além de identificar os principais fatores que contribuem para o surgimento dessas doenças no contexto de trabalho.

A pesquisa pretende, assim, contribuir para a conscientização sobre a importância da saúde mental no setor farmacêutico e fornecer subsídios para a implementação de medidas de suporte aos profissionais da área.

2.2.2 Objetivos específicos

- Traçar o perfil dos farmacêuticos;
- compreender as consequências das doenças Psicossociais no desempenho profissional, na qualidade do atendimento ao cliente e na satisfação pessoal dos farmacêuticos;
- investigar as consequências da pandemia de COVID-19 para os farmacêuticos;

- investigar as principais causas do surgimento dessas doenças, incluindo as condições de trabalho, a carga horária, as demandas emocionais e as interações com o público e se esses fatores contribuiriam para o surgimento das doenças psicossociais.

1.3 JUSTIFICATIVAS

As doenças psicossociais, incluindo estresse, ansiedade e depressão, têm sido amplamente estudadas, especialmente em profissionais que atuam em áreas de assistência, como os farmacêuticos. Segundo Dejours (2015), “o trabalho pode tanto ser fonte de realização pessoal quanto de sofrimento, dependendo das condições a que o trabalhador está submetido”. No caso dos farmacêuticos, que lidam diretamente com o público e prestam serviços essenciais à saúde, a carga emocional e psicológica torna-se intensa, expondo esses profissionais ao risco de desenvolver tais doenças. A interação constante com pacientes e a responsabilidade pela orientação adequada sobre o uso de medicamentos aumentam a pressão sobre esses profissionais, colocando-os em uma posição vulnerável a doenças como estresse crônico, depressão e ansiedade.

Com a pandemia de Covid-19, a situação se agravou, e o aumento da demanda por serviços de saúde sobrecarregou ainda mais os trabalhadores da área farmacêutica. A Organização Mundial da Saúde (2021, pág. 12) aponta que "o impacto da pandemia na saúde mental dos profissionais de saúde é um dos principais desafios enfrentados globalmente". No setor farmacêutico, fatores como a pressão para alcançar metas, lidar com a alta rotatividade de clientes e a necessidade de adaptação às novas rotinas de segurança intensificaram a sobrecarga emocional e física, potencializando o surgimento de doenças psicossociais.

Nesse viés, a relevância deste estudo para a universidade se dá pela promoção de um interesse acadêmico em torno das doenças psicossociais no setor farmacêutico, oferecendo conteúdo que ajude a esclarecer como essas condições afetam tanto os profissionais quanto as organizações. A discussão sobre os efeitos dessas doenças é essencial, pois pode inspirar a implementação de políticas e intervenções voltadas à promoção da saúde mental no ambiente de trabalho farmacêutico. Como destaca Codo (2006), "é necessário que as organizações enxerguem o cuidado com a saúde mental dos trabalhadores como parte de uma estratégia para melhorar a qualidade de vida no trabalho e, consequentemente, o desempenho organizacional".

A motivação para abordar o tema das doenças psicossociais surgiu a partir da experiência pessoal do pesquisador, que, durante um período de transferências profissionais e aumento da carga de trabalho, começou a vivenciar sintomas de estresse e ansiedade. Essa

situação foi intensificada com a pandemia, que impôs maiores desafios aos farmacêuticos. O deslocamento diário exaustivo e a pressão para lidar com as demandas em alta contribuíram para um desgaste físico e emocional significativo, culminando no desenvolvimento de sintomas psicossociais. Esse relato reflete a realidade de muitos profissionais que, ao serem submetidos a condições extremas, encontram-se em situações de adoecimento.

A literatura confirma que a combinação de fatores como carga horária excessiva, falta de apoio social e pressão por resultados são determinantes no surgimento de doenças psicossociais (Seligmann-Silva, 2011). A experiência vivida pelo pesquisador exemplifica essa realidade, onde a pressão contínua e a exaustão mental impactaram diretamente seu desempenho profissional e sua qualidade de vida. Após retornar à cidade de origem, houve uma melhora significativa, mas os efeitos do desgaste acumulado ainda demandam atenção e cuidados, refletindo a importância de práticas de prevenção e suporte psicológico para os farmacêuticos.

É importante ressaltar que os farmacêuticos têm um papel essencial nas farmácias, garantindo o bem-estar e a saúde dos pacientes por meio da assistência terapêutica e da orientação sobre medicamentos. No entanto, o contato direto com o público e a falta de reconhecimento do seu papel geram desafios, como agressões verbais e pressão para o cumprimento de metas. Esses fatores podem impactar negativamente a saúde física e mental dos farmacêuticos, levando a estresse crônico e até ao esgotamento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, serão apresentadas as bases teóricas necessárias para o alcance dos objetivos deste trabalho, com ênfase na relação entre as organizações e as doenças psicossociais, discutindo como a dinâmica organizacional pode impactar o bem-estar dos trabalhadores. As doenças psicossociais englobam transtornos como a depressão, o estresse crônico e a ansiedade, que podem ser desencadeados ou agravados por condições de trabalho desfavoráveis (Ribeiro e Nogueira, 2018). O ambiente de trabalho exerce papel central no desenvolvimento dessas condições, especialmente em contextos de alta demanda, pressão por resultados e falta de suporte social e emocional.

2.1 DOENÇAS PSICOSSOCIAIS

É necessário compreender as doenças psicossociais em um contexto mais amplo, em que o impacto da carga emocional e das exigências profissionais afeta diretamente a saúde mental dos trabalhadores. De acordo com Benevides e Pereira (2002), profissionais que atuam em áreas de assistência, como os farmacêuticos, estão especialmente expostos a esses riscos, devido ao contato direto com o público e à responsabilidade de orientar sobre o uso de medicamentos, o que pode resultar em estresse emocional elevado. Esse processo de interação constante e extenuante pode provocar um desgaste significativo, com consequências tanto físicas quanto psicológicas.

A abordagem psicológica e sociológica das doenças psicossociais permite entender suas causas e consequências. A psicologia organizacional destaca a importância de um ambiente de trabalho saudável, onde a comunicação aberta e o suporte mútuo entre colegas e superiores são fatores cruciais para a prevenção do estresse e do esgotamento. Silva e Lopes (2018) apontam que ambientes de trabalho que promovem a colaboração e o apoio social reduzem significativamente os níveis de estresse entre os trabalhadores, protegendo-os contra o desenvolvimento de doenças psicossociais. Dessa forma, as organizações têm um papel essencial na criação de um ambiente que favoreça o bem-estar mental de seus colaboradores.

Além disso, é importante destacar a manifestação coletiva das doenças psicossociais no ambiente organizacional. Segundo Trindade e Oliveira (2020), o impacto dessas doenças não é apenas individual, mas pode afetar toda a equipe de trabalho, comprometendo a produtividade e a eficiência do grupo. A falta de ações voltadas para a saúde mental no ambiente de trabalho pode resultar em um clima organizacional negativo, prejudicando tanto o

desempenho profissional quanto a qualidade de vida dos funcionários. Assim, a implementação de programas de apoio psicológico e a criação de um ambiente de trabalho saudável são essenciais para prevenir o surgimento de doenças psicossociais.

Outro ponto relevante é a análise das principais fontes de pressão no ambiente de trabalho, que podem ser potenciais causadoras de doenças psicossociais. Freitas e Lima (2019) destacam que fatores como a carga horária excessiva, a falta de autonomia, a pressão por resultados e a falta de apoio da gestão são determinantes para o surgimento de doenças como a ansiedade e a depressão entre os trabalhadores. A identificação dessas fontes de pressão é crucial para a elaboração de estratégias de prevenção e manejo, permitindo a criação de ambientes mais saudáveis e menos propensos ao surgimento de problemas de saúde mental.

Por fim, é necessário abordar as consequências físicas e psicológicas decorrentes das doenças psicossociais. Segundo Araújo e Santos (2021), essas doenças podem estar associadas a uma série de problemas de saúde, como doenças cardiovasculares, distúrbios gastrointestinais, além de aumentar o absenteísmo e diminuir a produtividade. O impacto dessas condições na saúde dos trabalhadores pode ser devastador, tanto para o indivíduo quanto para a organização, reforçando a importância de uma abordagem preventiva.

Compreender as doenças psicossociais em suas múltiplas dimensões, considerando seus fatores causais e suas consequências no ambiente de trabalho, é fundamental para o desenvolvimento de estratégias que promovam o bem-estar e a saúde mental dos trabalhadores. Esse entendimento permitirá que as organizações implementem políticas eficazes de prevenção, reduzindo o impacto negativo dessas doenças no ambiente de trabalho e na vida dos profissionais.

2.2 AS ORGANIZAÇÕES

As organizações são entidades estruturadas que desempenham um papel fundamental na sociedade contemporânea, existindo para atender às diversas necessidades humanas. De acordo com Coelho (2004), elas são criadas para oferecer bens e serviços essenciais, permitindo que as pessoas satisfaçam suas demandas em diferentes momentos da vida. Desde o nascimento até a velhice, a sociedade depende das organizações para garantir acesso a serviços de saúde, educação, segurança, entretenimento e muitos outros. Essa interdependência ressalta a importância das organizações na construção do tecido social e econômico de uma comunidade.

Bastos et al. (2004) destacam que todos os indivíduos, independentemente de sua condição social ou econômica, estão intrinsecamente ligados às organizações, que oferecem

suporte e recursos necessários para o seu desenvolvimento. As organizações não apenas fornecem produtos e serviços, mas também contribuem para a formação de identidades sociais e culturais, moldando a forma como as pessoas interagem e se percebem dentro de um contexto mais amplo. Isso se traduz em um papel ativo na promoção do bem-estar social, uma vez que, ao atender às necessidades básicas da população, elas ajudam a fomentar um ambiente propício ao crescimento e à prosperidade.

Para entender a complexidade e a função das organizações, é essencial considerar suas finalidades. Coelho (2004) afirma que “a finalidade de uma organização é satisfazer as exigências e expectativas tanto do mercado quanto da sociedade.” Esse dualismo — atender ao mercado e responder às demandas sociais — é o que torna as organizações agentes ativos de mudança e desenvolvimento. Além de gerarem emprego e renda, elas têm o poder de impactar positivamente o bem-estar das comunidades em que estão inseridas, promovendo programas sociais e iniciativas que buscam melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Cury (2000, p. 116) aborda a definição de organização, afirmando que “a organização é um sistema planejado de esforço cooperativo no qual cada participante tem um papel definido a desempenhar e deveres e tarefas a executar.” Essa perspectiva enfatiza a importância da estrutura interna e da colaboração entre os membros da organização. Cada colaborador desempenha um papel específico, contribuindo para o funcionamento eficaz do todo. Essa interdependência entre as partes ressalta a necessidade de uma comunicação clara e de uma cultura organizacional que promova o trabalho em equipe e a sinergia.

Para aprofundar a compreensão da dinâmica organizacional, é necessário levantar cinco questões principais: quem? Como? Com quê? O quê? E por quê? Meireles (2003) propõe que essas perguntas são fundamentais para analisar a complexidade das organizações. O “quem” refere-se ao conjunto de pessoas que compõem a organização, destacando as competências e habilidades que cada indivíduo traz para o ambiente de trabalho. O “como” diz respeito à tecnologia utilizada, incluindo ferramentas e softwares que facilitam os processos operacionais. O “com quê” analisa os recursos financeiros e tecnológicos disponíveis para a execução das atividades. O “o quê” investiga o público-alvo e as principais funções da organização, enquanto o “por quê” aborda os objetivos, a cultura e os valores que norteiam as ações organizacionais.

Cury (2003) ainda classifica as organizações em três modelos distintos: tradicional, moderno e contemporâneo. O modelo tradicional, caracterizado por uma tecnologia simples e uma ênfase nas tarefas, é frequentemente encontrado em ambientes estáveis. O modelo moderno, com tecnologia mais avançada e foco nas pessoas, adapta-se a um mercado em

constante mudança, onde a flexibilidade e a inovação são fundamentais. Por fim, o modelo contemporâneo apresenta uma alta interdependência entre as áreas, utilizando tecnologia de ponta e enfrentando ambientes de grandes riscos, o que exige uma gestão ágil e uma cultura organizacional que valorize a criatividade e a colaboração.

É importante também considerar o impacto das práticas organizacionais na saúde e no bem-estar dos colaboradores. De acordo com Benevides-Pereira (2002), um ambiente de trabalho saudável e positivo pode reduzir significativamente os níveis de estresse e prevenir o desenvolvimento de síndromes como, por exemplo, a síndrome do Burnout. Organizações que priorizam o cuidado com seus funcionários tendem a apresentar melhores resultados em termos de produtividade e satisfação, evidenciando que o bem-estar dos trabalhadores está intrinsicamente ligado ao sucesso organizacional.

Além disso, as organizações precisam estar atentas às mudanças sociais e econômicas que afetam o mercado. A globalização e o avanço da tecnologia têm transformado a forma como as empresas operam e se relacionam com seus clientes. Nesse contexto, a capacidade de adaptação e inovação torna-se um diferencial competitivo. Segundo Kotler (2010), as organizações que conseguem se reinventar em resposta às necessidades emergentes do mercado não apenas sobrevivem, mas prosperam. Portanto, a compreensão do ambiente organizacional e a capacidade de implementar mudanças de forma eficaz são essenciais para garantir a sustentabilidade e a relevância das organizações no futuro.

Em suma, as organizações são fundamentais para o desenvolvimento econômico e social. Elas não apenas atendem às necessidades da sociedade, mas também desempenham um papel crucial na promoção do bem-estar e na construção de identidades coletivas. Ao compreender a dinâmica interna das organizações e as interações entre seus membros, é possível criar ambientes de trabalho mais saudáveis e produtivos, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e para a qualidade de vida da população.

2.2.1 Organizações públicas, privadas e de terceiro setor

As organizações são estruturas sociais complexas e dinâmicas que desempenham um papel crucial na sociedade contemporânea. Elas existem para oferecer bens e serviços que atendem às necessidades humanas, desde as mais básicas até as mais sofisticadas. Como afirmado por Coelho (2004), as organizações não são meros agrupamentos de indivíduos, mas sim entidades que moldam a vida social e econômica. Desde o nascimento até a velhice, os

indivíduos dependem dessas instituições para diversas funções, refletindo sua importância no tecido social.

Bastos et al. (2004) destacam que, além de satisfazer as demandas do mercado, as organizações também têm a responsabilidade de atender às expectativas da sociedade. Isso implica que o sucesso de uma organização não deve ser medido apenas em termos de lucro, mas também pelo impacto que ela causa na comunidade em que está inserida. Em um mundo globalizado, onde questões sociais e ambientais estão em constante debate, as organizações precisam desenvolver práticas sustentáveis que respeitem tanto o meio ambiente quanto as condições de vida dos trabalhadores.

O modelo contemporâneo é ainda mais dinâmico, utilizando tecnologia de ponta e enfatizando a interdependência entre diferentes áreas de atuação. Nesse contexto, a comunicação e a colaboração são cruciais. As organizações contemporâneas enfrentam grandes riscos, mas também possuem a oportunidade de se destacar através de práticas inovadoras e da capacidade de adaptação.

Um elemento central na eficácia organizacional é a cultura organizacional. Cury (2003) argumenta que a cultura dentro de uma organização molda comportamentos, atitudes e valores dos colaboradores. Uma cultura organizacional forte não apenas melhora a satisfação e o engajamento dos funcionários, mas também pode resultar em maior produtividade e um ambiente de trabalho positivo. Em contrapartida, uma cultura fraca pode levar a conflitos, insatisfação e até mesmo ao surgimento de doenças relacionadas ao estresse.

Além disso, a gestão do estresse organizacional é uma preocupação crescente. Com as pressões para alcançar resultados, os colaboradores frequentemente enfrentam altos níveis de estresse. A administração eficaz do estresse envolve o reconhecimento das fontes de pressão e a implementação de estratégias de apoio, como programas de bem-estar, treinamento e suporte psicológico. Ao abordar essas questões, as organizações podem não apenas proteger a saúde mental de seus colaboradores, mas também promover um ambiente de trabalho mais saudável e produtivo.

É importante ressaltar que as organizações devem estar atentas às mudanças sociais e às expectativas dos trabalhadores, especialmente na era digital, onde a flexibilidade e o equilíbrio entre vida profissional e pessoal são cada vez mais valorizados. Com o avanço das tecnologias e o aumento do trabalho remoto, as organizações precisam repensar suas abordagens e criar ambientes que favoreçam a produtividade e o bem-estar.

Portanto, as organizações são muito mais do que simples estruturas econômicas; elas são espaços onde interações humanas complexas ocorrem. A maneira como são estruturadas e

geridas impacta não apenas os resultados financeiros, mas também a saúde e o bem-estar dos colaboradores e, por extensão, da sociedade como um todo. A construção de uma cultura organizacional positiva, aliada a práticas sustentáveis e responsáveis, é fundamental para o sucesso a longo prazo das organizações na sociedade atual.

As organizações podem ser classificadas em três categorias principais: públicas, privadas e do terceiro setor. Cada uma dessas categorias desempenha um papel específico na sociedade e apresenta características distintas que influenciam sua estrutura, funcionamento e objetivos.

As organizações públicas são aquelas que pertencem ao Estado e têm como objetivo principal atender às necessidades da população. Elas são financiadas por recursos públicos, provenientes de impostos e outras receitas governamentais. Essas instituições incluem ministérios, secretarias, autarquias, e empresas estatais, e suas atividades são regulamentadas por legislações específicas. A principal característica das organizações públicas é a sua responsabilidade em promover o bem-estar social, oferecendo serviços essenciais como saúde, educação, segurança e infraestrutura.

De acordo com Oliveira (2011), as organizações públicas devem seguir princípios como legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência, conforme estabelecido pela Constituição Federal Brasileira. Essa estrutura normativa garante que os serviços prestados sejam acessíveis a todos os cidadãos, promovendo a equidade e a justiça social. No entanto, as organizações públicas também enfrentam desafios, como a burocracia excessiva, a escassez de recursos e a pressão política, que podem dificultar a implementação de políticas eficazes.

Por outro lado, as organizações privadas são aquelas que pertencem a indivíduos ou grupos e têm como principal objetivo a geração de lucro. Elas podem ser classificadas em micro, pequenas, médias e grandes empresas, abrangendo diversos setores da economia, como comércio, indústria e serviços. As organizações privadas operam de maneira autônoma, definindo suas próprias políticas e estratégias de mercado, e sua sustentabilidade financeira depende da competitividade e da capacidade de atender às demandas dos consumidores.

Segundo Kotler e Keller (2012), as organizações privadas desempenham um papel fundamental na economia, contribuindo para a geração de empregos, inovação e desenvolvimento econômico. Elas têm a liberdade de estabelecer suas próprias metas e prioridades, o que permite uma maior flexibilidade na adaptação às mudanças do mercado. No entanto, a busca incessante pelo lucro pode levar a práticas que negligenciam o impacto social e ambiental, gerando discussões sobre responsabilidade corporativa.

Já as organizações do terceiro setor, também conhecidas como organizações não governamentais (ONGs) ou instituições sem fins lucrativos, atuam em áreas como assistência social, saúde, educação, cultura e meio ambiente. Elas são independentes do governo e do setor privado, e suas atividades são financiadas por doações, convênios e parcerias. O principal objetivo dessas organizações é promover o bem-estar social e contribuir para a solução de problemas sociais, sem o intuito de lucro.

De acordo com Salamon e Anheier (1997), as organizações do terceiro setor desempenham um papel vital na sociedade, atuando como agentes de mudança e complementando as ações do governo e do setor privado. Elas muitas vezes trabalham em áreas onde o Estado não consegue atuar de forma eficiente, mobilizando a sociedade civil em torno de causas importantes. Além disso, as organizações do terceiro setor podem promover a participação cidadã, a inclusão social e o fortalecimento da democracia.

2.2.2 Organizações e as Doenças Psicossociais

As mudanças tecnológicas ocorridas no século XX não apenas impulsionaram o progresso da humanidade, mas também transformaram de maneira significativa os processos de trabalho nas organizações. Essas transformações, embora muitas vezes levem a uma maior eficiência, também impuseram ao trabalhador desafios que podem comprometer tanto sua saúde física quanto emocional. De acordo com Camelo e Angerami (2008), a pressão constante por produtividade e a necessidade de adaptação às novas tecnologias podem resultar em estresse, ansiedade e, em casos extremos, em doenças psicossociais, como a depressão e o estresse crônico.

As doenças psicossociais estão associadas às condições de trabalho adversas, nas quais a sobrecarga de responsabilidades e a falta de apoio social são fatores críticos. Ribeiro e Nogueira (2018) destacam que o ambiente organizacional, especialmente em áreas que lidam diretamente com o público, como farmácias e instituições de saúde, pode ser um fator determinante para o desenvolvimento de doenças como a ansiedade e a depressão. A necessidade de responder a múltiplas demandas em um curto espaço de tempo, aliada à responsabilidade com o bem-estar dos pacientes, pode gerar um desgaste emocional severo, afetando tanto a saúde mental quanto a qualidade dos serviços prestados.

O ambiente de trabalho nas organizações contemporâneas tem imposto exigências cada vez maiores aos trabalhadores, o que resulta no aumento de doenças psicossociais.

Segundo Silva (2010), trabalhadores expostos a ambientes com alta pressão, metas irreais e baixa autonomia para tomada de decisões estão mais suscetíveis ao desenvolvimento dessas doenças. A estrutura organizacional que não favorece o equilíbrio entre vida pessoal e profissional contribui para o agravamento dessas condições, especialmente quando não há práticas de suporte emocional ou políticas de prevenção à saúde mental.

As doenças psicossociais, como o estresse e a ansiedade, são fenômenos complexos que resultam de uma combinação de fatores individuais e organizacionais. Segundo Freitas e Lima (2019), a exaustão mental provocada por essas condições está diretamente relacionada à alta carga de trabalho, à falta de reconhecimento e à pressão constante por resultados. Esses fatores geram um ciclo vicioso que afeta a capacidade de enfrentamento dos profissionais, comprometendo sua qualidade de vida e seu desempenho no trabalho.

Além disso, é crucial entender que a cultura organizacional também desempenha um papel determinante no desenvolvimento das doenças psicossociais. Cury (2000) aponta que empresas com uma cultura voltada exclusivamente para o alcance de metas, sem considerar o bem-estar dos colaboradores, tendem a ter maiores índices de transtornos psicológicos entre seus funcionários. As organizações que não promovem práticas de gestão de estresse, ações de saúde mental e um ambiente de trabalho que valorize o bem-estar psicológico contribuem diretamente para o agravamento dessas condições.

Por fim, o reconhecimento das doenças psicossociais no contexto organizacional é fundamental para a criação de ambientes de trabalho mais saudáveis e produtivos. A implementação de políticas de prevenção, como programas de apoio psicológico, gerenciamento de estresse e a promoção do equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, pode reduzir significativamente a incidência dessas doenças. Segundo Araújo e Santos (2021), a adoção de medidas preventivas pelas organizações não apenas melhora a saúde dos colaboradores, mas também aumenta a produtividade e a qualidade dos serviços prestados.

2.3 CONCEITO DE DOENÇAS PSICOSSOCIAIS

As demandas por condições de trabalho dignas e as cobranças para um desempenho eficiente dentro das organizações são questões que permeiam a história do trabalho. Desde as teorias administrativas de Fayol e Taylor, que priorizavam a produtividade e a eficiência, observa-se uma evolução no entendimento das relações humanas no ambiente laboral. De acordo com Soldeira e Marins (2016), esses teóricos propunham que as organizações deveriam considerar seus funcionários como seres humanos integrais, com necessidades fisiológicas,

sociais e de segurança, e não apenas como recursos operacionais. Esse enfoque inicial evoluiu para uma maior compreensão sobre os impactos das condições de trabalho na saúde mental e emocional dos trabalhadores.

Com o avanço das discussões sobre saúde ocupacional, emergiu o conceito de doenças psicossociais, que engloba transtornos mentais e emocionais diretamente relacionados às condições de trabalho. Segundo Silva (2010), as doenças psicossociais referem-se a um conjunto de transtornos que podem incluir estresse, depressão, ansiedade, esgotamento emocional, entre outros, e são causadas pela interação entre o ambiente organizacional e fatores individuais, como a vulnerabilidade psicológica do trabalhador.

De acordo com Camelo e Angerami (2008), um ambiente de trabalho desfavorável, rotinas exaustivas, baixa autoestima, isolamento social e falta de apoio emocional são fatores que contribuem significativamente para o desenvolvimento dessas doenças. A pressão constante por resultados e a ausência de estratégias adequadas para lidar com o estresse, por exemplo, podem culminar em distúrbios psicológicos severos, impactando tanto a saúde do trabalhador quanto o desempenho organizacional.

As doenças psicossociais afetam a saúde mental de maneira ampla, manifestando-se de formas variadas entre os trabalhadores. Segundo Ribeiro e Nogueira (2018), o estresse crônico é uma das principais causas de doenças psicossociais no ambiente de trabalho. Esse estresse resulta da sobrecarga de trabalho, da falta de autonomia e do excesso de cobranças, o que, ao longo do tempo, compromete o bem-estar do trabalhador, gerando problemas de saúde mental e física.

Essas doenças estão diretamente relacionadas às condições organizacionais. Cury (2000) afirma que empresas que não oferecem suporte emocional aos funcionários, que incentivam a competitividade desmedida e que não promovem um equilíbrio entre vida profissional e pessoal estão mais propensas a desenvolver altos índices de trabalhadores acometidos por transtornos psicossociais. Essas condições de trabalho inadequadas acabam promovendo o surgimento de doenças como depressão, ansiedade e estresse ocupacional.

Outro fator importante no desenvolvimento das doenças psicossociais é a cultura organizacional. Freitas e Lima (2019) destacam que uma cultura de trabalho tóxica, marcada por metas inatingíveis e pouca valorização do indivíduo, é um dos principais desencadeadores dessas doenças. Quando as organizações não valorizam a saúde e o bem-estar mental de seus colaboradores, criam-se ambientes propícios para o surgimento de transtornos psicológicos, o que pode resultar em absenteísmo, queda de produtividade e um clima organizacional negativo.

Em síntese, o conceito de doenças psicossociais está intrinsecamente ligado às condições de trabalho, ao suporte oferecido pelos gestores e à capacidade das organizações de promover um ambiente saudável e equilibrado. A compreensão desses fatores é essencial para a implementação de políticas preventivas, como programas de saúde mental, gestão de estresse e melhoria da qualidade de vida no trabalho. Essas práticas são fundamentais não apenas para a saúde dos trabalhadores, mas também para a eficiência e produtividade das organizações.

2.4 ABORDAGEM PSICOLÓGICA E SOCIOLÓGICA SOBRE AS DOENÇAS PSICOSSOCIAIS

As doenças psicossociais são fenômenos complexos que afetam a saúde mental e emocional dos trabalhadores, manifestando-se em diversas dimensões da vida profissional. Esses transtornos englobam uma variedade de condições, como estresse, depressão e ansiedade, que podem surgir em resposta às pressões do ambiente de trabalho. De acordo com Silva (2010), as doenças psicossociais são resultado de interações entre fatores individuais, organizacionais e sociais, que geram um impacto profundo sobre a qualidade de vida dos profissionais. As interações sociais no ambiente de trabalho, as dinâmicas competitivas e as demandas excessivas podem agravar o desgaste emocional e físico do trabalhador.

A psicologia tem dedicado atenção significativa aos impactos das transformações sociais e econômicas nas condições de trabalho e seus efeitos sobre a saúde mental. Abreu et al. (2000) destacam que o estresse ocupacional crônico é um dos principais fatores associados ao desenvolvimento de doenças psicossociais. Profissionais que atuam em áreas de prestação de serviços, como saúde e assistência social, estão particularmente vulneráveis a essas condições, pois lidam diretamente com o sofrimento alheio e situações de alta demanda emocional. Essa interação constante com problemas e fragilidades humanas pode criar um ciclo de desgaste emocional, resultando em problemas de saúde mental como a depressão e a ansiedade.

Além disso, Rabin et al. (2000) afirmam que a sobrecarga de trabalho e a falta de suporte emocional no ambiente organizacional contribuem significativamente para o surgimento de doenças psicossociais. Profissionais que enfrentam cargas horárias intensas e exigências incompatíveis com seus recursos pessoais tendem a experimentar um aumento da desmotivação e uma incapacidade crescente de enfrentar os desafios diários. Esse cenário é ainda mais preocupante em setores onde o contato constante com o público e com situações de risco emocional são parte da rotina.

Do ponto de vista sociológico, as doenças psicossociais também estão profundamente ligadas às dinâmicas organizacionais e à cultura de trabalho. Rodriguez et al. (2020) enfatizam que a pressão para alcançar metas, combinada com um ambiente competitivo e tóxico, pode resultar em um aumento da insatisfação e do estresse entre os trabalhadores. Quando a cultura organizacional não oferece um ambiente de apoio ou não valoriza a saúde mental dos colaboradores, há uma maior prevalência de distúrbios psicossociais. A insatisfação no trabalho, a falta de controle sobre as demandas e a incerteza no emprego criam um ciclo de esgotamento emocional que afeta tanto o indivíduo quanto o coletivo.

Outra questão sociológica relevante é o temor do desemprego, que afeta diretamente a saúde psicológica dos trabalhadores. Barreto et al. (2020) sugerem que a insegurança em relação à estabilidade no mercado de trabalho pode aumentar o nível de estresse e desencadear doenças psicossociais. Profissionais que se sentem ameaçados pela possibilidade de perderem seus empregos tendem a tolerar ambientes de trabalho insatisfatórios e prejudiciais à saúde mental, pois a insegurança no mercado de trabalho paralisa suas ações, fazendo-os permanecer em condições adversas.

Portanto, as abordagens psicológica e sociológica sobre as doenças psicossociais revelam a necessidade de uma compreensão mais ampla das interações entre os indivíduos e seu ambiente de trabalho. O reconhecimento dos fatores que contribuem para o surgimento dessas doenças é fundamental para a implementação de políticas de prevenção eficazes e para a promoção da saúde mental no ambiente organizacional. É essencial que as organizações adotem práticas que priorizem o bem-estar dos trabalhadores, criando condições para o desenvolvimento de habilidades de enfrentamento e promovendo um ambiente de trabalho mais saudável e equilibrado.

2.5 PRINCIPAIS FONTES DE PRESSÃO NO AMBIENTE DO TRABALHO COMO POTENCIAIS CAUSADORES DAS DOENÇAS PSICOSSOCIAIS

De acordo com Cândido e Souza (2016), o trabalho desempenha um papel fundamental na vida do ser humano, sendo um aspecto crucial da sua identidade e realização pessoal. No entanto, a rotina laboral pode gerar condições que, se não geridas adequadamente, resultam em estresse e, eventualmente, em doenças psicossociais. As fontes de pressão no ambiente de trabalho são diversas e frequentemente interconectadas, contribuindo para um ambiente que pode ser hostil e desgastante para os colaboradores.

Segundo Campinas (2016), uma das principais fontes de pressão está relacionada à sobrecarga de trabalho. Profissionais frequentemente enfrentam uma quantidade de demandas que excede sua capacidade de gerenciamento, levando a uma sensação de impotência e estresse. Essa sobrecarga pode incluir não apenas uma quantidade excessiva de tarefas, mas também expectativas irrealistas de desempenho. A pressão constante por resultados, aliada à falta de recursos adequados, gera um cenário propício para o desenvolvimento de doenças psicossociais, como a ansiedade e a depressão.

Cândido e Souza (2016) também apontam que a falta de apoio e colaboração no ambiente de trabalho é um fator significativo. A ausência de um suporte efetivo por parte dos colegas e superiores pode intensificar o estresse. Quando os colaboradores se sentem isolados e sem apoio, a pressão aumenta, tornando mais difícil lidar com as demandas do trabalho. A falta de um ambiente colaborativo pode resultar em um sentimento de solidão e baixa autoestima, que são precursores de doenças psicossociais. Além disso, conflitos interpessoais e a falta de comunicação efetiva agravam essa situação, contribuindo para um clima organizacional desfavorável.

Santos (2020) ressalta que a competitividade no ambiente de trabalho é outro elemento que merece destaque. Embora a competição possa servir como um motivador em certos contextos, quando excessiva, pode provocar sofrimento e ansiedade. A busca constante por resultados pode criar um ambiente em que os colaboradores se sentem pressionados a superar não apenas as expectativas da organização, mas também as dos colegas. Essa pressão competitiva pode gerar sentimentos de insegurança e medo de fracasso, aumentando o risco de desenvolvimento de doenças psicossociais.

Cândido e Souza (2016) enfatizam que as expectativas não atendidas, tanto em termos de condições de trabalho quanto de remuneração, podem ser um desencadeador importante de doenças psicossociais. Muitas vezes, os profissionais entram no mercado de trabalho com uma visão idealizada de suas funções e benefícios, e a discrepância entre essa visão e a realidade pode levar a um sentimento de frustração e desilusão. Isso é especialmente verdadeiro em setores onde a carga de trabalho é alta e a remuneração não condiz com o esforço investido, gerando insatisfação e desgaste emocional.

De acordo com Cândido e Souza (2016), a pressão para cumprir prazos e metas é outra fonte crítica de estresse. Quando os trabalhadores são constantemente desafiados a alcançar objetivos difíceis ou irrealistas, a ansiedade aumenta. Essa pressão contínua pode levar a uma sensação de inadequação e a um ciclo de autocrítica que agrava a exaustão física e emocional.

Além disso, a pressão para ser sempre produtivo pode inibir a criatividade e a inovação, levando a um ambiente de trabalho monótono e desgastante.

Rodriguez (2020) destaca que a cultura organizacional desempenha um papel fundamental na configuração do ambiente de trabalho. Organizações que promovem um ambiente de trabalho tóxico, caracterizado pela falta de respeito, reconhecimento e valorização dos colaboradores, são mais propensas a ver o surgimento de doenças psicossociais entre seus funcionários. A cultura de uma organização deve incentivar o bem-estar, a saúde mental e o apoio mútuo para mitigar os efeitos negativos do estresse ocupacional.

Por fim, a interação entre essas fontes de pressão pode criar um ciclo vicioso, onde a pressão e o estresse se retroalimentam, levando a uma maior insatisfação e a um aumento do risco de desenvolver doenças psicossociais. Portanto, Abreu et al. (2000) afirmam que é fundamental que as organizações adotem uma abordagem proativa na identificação e mitigação dessas fontes de estresse, promovendo um ambiente de trabalho saudável e sustentável.

2.6 PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS DAS DOENÇAS PSICOSSOCIAIS NOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

De acordo com Campinas (2016), as consequências das doenças psicossociais nos profissionais de saúde são amplas e impactantes, afetando sua saúde física, emocional e profissional de maneira significativa. Os sintomas variam desde manifestações leves até condições graves, podendo incluir distúrbios emocionais, abuso de substâncias, queixas psicossomáticas, depressão e ideação suicida. Essas consequências também se refletem em mudanças comportamentais que revelam insatisfação no trabalho, como a falta de comprometimento organizacional e a intenção de abandonar a profissão.

Segundo Kovalski e Bressan (2012), os problemas no ambiente de trabalho se intensificam em situações de doenças psicossociais, levando a índices elevados de absenteísmo, pior desempenho em medidas de segurança ao paciente e aumento de erros na prática profissional. Esses aspectos não apenas prejudicam o trabalhador, mas também comprometem a qualidade do atendimento ao paciente, criando um ciclo vicioso que pode afetar toda a equipe de saúde. Quando os profissionais apresentam a maioria dos sintomas associados a doenças psicossociais, é crucial que busquem ajuda psicológica. Para Cândido (2016), a falta de apoio pode colocar em risco tanto a vida do profissional quanto a dos pacientes, uma vez que a diminuição da qualidade de vida impacta diretamente na capacidade de atender com eficácia.

Cândido e Souza (2016) enfatizam que um dos principais fatores que desencadeiam doenças psicossociais é o estresse, uma realidade constante no cotidiano dos profissionais da saúde. Muitas vezes, esses trabalhadores enfrentam longas jornadas, sem intervalos adequados para descanso. O estresse é uma reação complexa que envolve componentes psicológicos e físicos, e a postergação do tratamento desses problemas pode agravar significativamente a condição, aumentando a vulnerabilidade ao desenvolvimento de doenças psicossociais. A pressão para cumprir tarefas e metas, a busca incessante por produtividade e os treinamentos exaustivos são fatores que colaboram para esse estado de esgotamento.

Rodriguez (2020) observa que as consequências das doenças psicossociais incluem a ocorrência de erros frequentes, diminuição da autoconfiança e redução na satisfação profissional. Em muitos casos, a opção de pedir demissão é vista como a única saída para evitar danos à imagem profissional e preservar a saúde mental. Esse cenário é alarmante e destaca a importância de intervenções que promovam a saúde e o bem-estar dos profissionais de saúde, além de estratégias de suporte e reconhecimento no ambiente de trabalho.

Por fim, Abreu et al. (2000) destacam que é fundamental que as organizações de saúde adotem medidas proativas para identificar e tratar as doenças psicossociais. Isso pode incluir a implementação de programas de apoio psicológico, a promoção de um ambiente de trabalho mais equilibrado e a conscientização sobre a importância da saúde mental para todos os profissionais. A valorização do trabalhador é essencial para prevenir as consequências devastadoras das doenças psicossociais, garantindo não apenas a saúde do profissional, mas também a qualidade do atendimento prestado aos pacientes.

2.7 TRANSTORNOS NO TRABALHOS PROVOCADOS PELAS DOENÇAS PSICOSSOCIAIS

De acordo com Cândido e Souza (2016), as doenças psicossociais nos profissionais de saúde são uma preocupação crescente, afetando diretamente o ambiente de trabalho e a dinâmica das equipes. Essas doenças, que englobam uma variedade de transtornos, como ansiedade e depressão, frequentemente surgem devido a condições adversas no ambiente profissional, levando a um impacto significativo na saúde e no bem-estar dos trabalhadores.

Campinas (2016) observa que um dos principais efeitos das doenças psicossociais é a diminuição da motivação e do engajamento no trabalho. Profissionais afetados por essas condições podem sentir-se desmotivados e desconectados de suas funções, resultando em uma

queda na produtividade e na qualidade do atendimento. Essa desmotivação pode ser exacerbada por ambientes de trabalho que carecem de apoio psicológico e que não promovem a saúde mental.

Kovaleski e Bressan (2012) destacam que a falta de uma comunicação eficaz dentro das equipes pode agravar os problemas relacionados às doenças psicossociais. Quando os profissionais não se sentem à vontade para expressar suas preocupações ou buscar ajuda, isso pode levar a um aumento do estresse e à intensificação dos sintomas, resultando em conflitos e desarmonia entre os membros da equipe. Essa situação, muitas vezes, cria um ambiente de trabalho tóxico, onde a colaboração e o suporte mútuo são prejudicados.

A pressão constante para atingir metas e a carga de trabalho excessiva também são fatores que contribuem para o desenvolvimento de doenças psicossociais. Segundo Rodriguez (2020), a alta demanda e a necessidade de resultados podem gerar um estado de tensão crônica, levando os profissionais a se sentirem sobrecarregados e, conseqüentemente, vulneráveis a distúrbios emocionais e comportamentais. A busca incessante por produtividade pode resultar em um ciclo vicioso de estresse, exaustão e insatisfação.

Além disso, a falta de reconhecimento e valorização dos esforços dos profissionais de saúde é um fator que pode acentuar a insatisfação e a desmotivação. Segundo Souza e Cândido (2016), ambientes de trabalho onde os colaboradores não recebem feedback positivo ou incentivo tendem a ver um aumento na rotatividade de funcionários, uma vez que os profissionais buscam oportunidades em ambientes mais saudáveis e colaborativos.

Abreu et al. (2000) enfatizam que é crucial que as instituições de saúde adotem práticas de gestão que promovam a saúde mental e o bem-estar dos trabalhadores. Isso pode incluir a implementação de programas de bem-estar, treinamentos sobre saúde mental e a criação de uma cultura organizacional que valorize o suporte e a comunicação aberta. Essas estratégias são fundamentais para mitigar os efeitos das doenças psicossociais e garantir um ambiente de trabalho saudável e produtivo.

Por fim, é essencial que os profissionais de saúde sejam incentivados a buscar apoio psicológico quando necessário. O investimento na saúde mental não é apenas uma questão de responsabilidade ética, mas também uma estratégia para promover a satisfação profissional e melhorar a qualidade do atendimento ao paciente.

2.8 O DESENCADEAMENTO DAS DOENÇAS PSICOSSOCIAIS AOS FARMACÊUTICOS

O desencadeamento de doenças psicossociais entre os farmacêuticos tem se tornado uma preocupação crescente, especialmente em um contexto de mudanças significativas no exercício da profissão. Ao longo do tempo, esses profissionais enfrentaram desafios que impactaram não apenas sua rotina de trabalho, mas também a forma como se percebem em relação ao papel que desempenham na sociedade. De acordo com Araújo (2024), durante a pandemia de COVID-19, as farmácias se tornaram pontos cruciais para o atendimento à saúde, resultando em um aumento significativo da demanda por serviços, o que intensificou a pressão sobre as atividades diárias dos farmacêuticos.

Durante os dois anos críticos da pandemia, os farmacêuticos foram confrontados com uma nova realidade, que exigiu adaptações rápidas e longas jornadas de trabalho. A alta demanda por serviços, como a realização de testes para COVID-19, gerou um ambiente de trabalho estressante e exaustivo. Essa rotina intensa não apenas afetou a saúde mental dos farmacêuticos, mas também os expôs a riscos significativos de contaminação, mesmo com o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). Para Araújo (2014), essa situação contribuiu para uma sensação de insegurança e vulnerabilidade em relação à própria saúde e à saúde das pessoas próximas.

A pressão psicológica enfrentada pelos farmacêuticos durante a pandemia foi exacerbada pela incerteza que cercava a COVID-19. O desconhecimento sobre o vírus e a gravidade da situação geraram um ambiente de medo e ansiedade, que afetou tanto os pacientes quanto os profissionais de saúde. De acordo com Souza (2016), essa pressão constante pode resultar em sintomas de estresse e ansiedade, levando ao desenvolvimento de doenças psicossociais, que comprometem não apenas a saúde mental, mas também a capacidade de trabalho e o bem-estar geral.

De acordo com Campinas (2016), além das condições adversas durante a pandemia, outros fatores contribuem para o desencadeamento de doenças psicossociais nos farmacêuticos. Expectativas elevadas em relação ao desempenho, somadas à falta de apoio institucional e à ausência de reconhecimento, podem aumentar a sensação de sobrecarga e insatisfação. Em um cenário de alta carga de trabalho e recursos escassos, a dificuldade em equilibrar as demandas profissionais com as necessidades pessoais se torna ainda mais evidente.

As características da profissão farmacêutica, que exigem habilidades interpessoais e emocionais significativas, tornam os profissionais mais vulneráveis ao estresse e à exaustão. A

interação contínua com pacientes em situações críticas e a responsabilidade pelo bem-estar dos outros podem levar ao desgaste emocional. Para Bressan (2012), esse desgaste, se não tratado, pode se manifestar em problemas de saúde mental mais sérios, como ansiedade e depressão, afetando a qualidade de vida dos profissionais.

Nesse sentido é importante descrever algumas doenças psicossociais que são desencadeadas ou agravadas por fatores relacionados ao ambiente de trabalho. Algumas dessas doenças são:

1. Ansiedade: caracteriza-se por uma preocupação excessiva, sensação de nervosismo e inquietação, frequentemente ligada à pressão por resultados, sobrecarga de trabalho e incertezas no ambiente profissional.

2. Depressão: envolve sentimentos persistentes de tristeza, desmotivação e perda de interesse em atividades cotidianas. No ambiente de trabalho, pode ser desencadeada por condições adversas, como a falta de reconhecimento, isolamento social ou conflitos.

3. Síndrome de Burnout: caracteriza-se por um estado de esgotamento físico e emocional, muitas vezes associado ao estresse crônico no trabalho. Os sintomas incluem fadiga intensa, irritabilidade, distanciamento emocional e diminuição do desempenho.

4. Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT): pode ocorrer em profissionais que enfrentam situações de alto estresse ou trauma, como exposição a eventos críticos, violência ou emergências médicas. Os sintomas incluem reviver o trauma, evitar situações associadas e hiperalerta.

5. Transtornos do sono: a dificuldade em dormir ou manter um sono de qualidade pode ser um reflexo das pressões e demandas do ambiente de trabalho, levando a uma piora na saúde geral e na capacidade de concentração.

Essas doenças afetam significativamente a saúde mental e física dos trabalhadores, além de impactar o desempenho profissional e a qualidade de vida.

Portanto, é imprescindível que haja uma valorização do trabalho dos farmacêuticos, além da implementação de medidas de suporte psicológico e práticas que promovam a saúde mental no ambiente de trabalho. De acordo com Rodriguez (2020), criar um espaço saudável onde os profissionais possam expressar suas dificuldades e buscar ajuda é fundamental para prevenir o desencadeamento de doenças psicossociais e garantir que os farmacêuticos possam continuar a desempenhar seu papel vital na assistência à saúde da população.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa, com o objetivo de garantir a clareza e a validade dos resultados obtidos. A metodologia é um aspecto crucial em qualquer estudo, pois orienta o pesquisador na busca por respostas às questões levantadas e na análise dos dados coletados.

O público-alvo da pesquisa foram farmacêuticos que atuam em farmácias, especialmente durante e após o período da pandemia de COVID-19. Essa escolha se deve à evidência de que os farmacêuticos enfrentaram situações de estresse intenso, exacerbadas pela carga de trabalho e pelas responsabilidades que lhes foram atribuídas durante a crise sanitária (Araújo, 2024). A amostra foi composta por 30 profissionais, selecionados por conveniência, que concordaram em participar da pesquisa. A seleção foi realizada de forma a garantir a diversidade, contemplando farmacêuticos de diferentes idades, experiências e locais de trabalho.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, que possibilitaram uma interação mais dinâmica e flexível entre o pesquisador e os participantes. As entrevistas foram gravadas e transcritas para garantir a fidelidade das informações. De acordo com Flick (2009), as entrevistas semiestruturadas são uma ferramenta valiosa para explorar as percepções dos indivíduos sobre suas experiências e os significados que atribuem a elas.

Dessa forma, este capítulo apresenta não apenas a metodologia utilizada, mas também a importância da pesquisa na compreensão dos desafios enfrentados pelos profissionais de saúde, especialmente em um contexto tão delicado quanto o da pandemia. Através das informações obtidas, espera-se contribuir para o desenvolvimento de estratégias que visem à melhoria das condições de trabalho e à promoção da saúde mental desses profissionais.

A pesquisa foi desenvolvida utilizando uma abordagem quali-quantitativa, que permite uma compreensão mais aprofundada das experiências e percepções dos profissionais de saúde sobre as doenças psicossociais. Segundo Trivinos (1987), a pesquisa quali-quantitativa integra a riqueza dos dados qualitativos, que exploram a profundidade das vivências e significados atribuídos pelos sujeitos, com a robustez dos dados quantitativos, que possibilitam a generalização e a identificação de padrões em grandes amostras. Essa escolha metodológica se justifica pelo fato de que as doenças psicossociais são fenômenos complexos, que envolvem não apenas questões individuais, mas também fatores emocionais, sociais e organizacionais.

O estudo integra métodos qualitativos e quantitativos para proporcionar uma compreensão mais abrangente das experiências e percepções dos profissionais de saúde em relação às doenças psicossociais. De acordo com Minayo (2010), a pesquisa quali-quanti é capaz de captar a complexidade dos fenômenos sociais, oferecendo uma visão mais rica e detalhada das realidades estudadas. Essa combinação é particularmente relevante ao investigar doenças psicossociais, pois envolve tanto a coleta de dados numéricos, que podem ser analisados estatisticamente, quanto a exploração de significados e experiências pessoais dos indivíduos.

A escolha dessa abordagem se justifica pelo caráter multifacetado das doenças psicossociais, que englobam aspectos emocionais, sociais e organizacionais. Segundo Gil (2019), a pesquisa quantitativa permite a medição de variáveis e a análise de correlações, enquanto a pesquisa qualitativa oferece uma visão mais profunda sobre as vivências dos indivíduos. Dessa forma, a combinação dessas metodologias proporciona uma análise mais abrangente, permitindo que se compreendam as interações entre os fatores que contribuem para o desenvolvimento de doenças psicossociais entre farmacêuticos.

A pesquisa envolveu a aplicação de questionários em diversas farmácias, visando coletar dados sobre a percepção dos profissionais de saúde em relação às condições de trabalho e ao impacto dessas condições em sua saúde mental. De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa quantitativa, ao utilizar questionários estruturados, possibilita a coleta de informações de forma sistemática e permite a análise de padrões que emergem dos dados. Além disso, a utilização de questões abertas nos questionários permite que os participantes expressem suas experiências de maneira mais detalhada, enriquecendo os dados coletados.

Os questionários foram elaborados com base em uma revisão bibliográfica sobre doenças psicossociais, incorporando instrumentos já validados na literatura. A pesquisa foi realizada em farmácias de diferentes regiões, permitindo uma amostra diversificada e representativa da realidade dos farmacêuticos. Essa abordagem proporciona uma visão mais holística do tema, uma vez que abrange a realidade de profissionais em diferentes contextos de trabalho, como farmácias de pequeno e grande porte.

Além da coleta de dados, a pesquisa também contemplou uma análise documental das políticas de saúde mental existentes e suas diretrizes, o que enriquece a discussão e fundamenta teoricamente os resultados obtidos. De acordo com Souza (2018), a análise documental é um método eficaz para compreender o contexto em que os fenômenos ocorrem, fornecendo dados complementares que ajudam a interpretar as experiências dos profissionais.

A combinação da abordagem quali-quantitativa, aliada à análise bibliográfica e documental, cria um arcabouço metodológico robusto, favorecendo a identificação de tendências, padrões e particularidades nas experiências dos farmacêuticos. Dessa forma, espera-se que os resultados obtidos possam contribuir para a elaboração de estratégias de intervenção que promovam a saúde mental e o bem-estar no ambiente de trabalho dos farmacêuticos, alinhando-se às necessidades e expectativas dos profissionais da saúde.

O estudo de caso foi realizado na cidade de Caruaru, no Estado de Pernambuco, com a participação exclusiva de farmácias de rede, onde foram aplicados 29 questionários direcionados aos farmacêuticos, aplicados no ano de 2022.

3.1 ESTUDO DE CASO

A Farmácia Viver Mais, fundada em 1981 por Deusmar Queirós, teve sua primeira unidade aberta no bairro Ellery, em Fortaleza, Ceará. Desde o início, Queirós demonstrou uma visão empreendedora e um espírito ousado que seriam fundamentais para o crescimento da rede. Sua determinação, amor pelo trabalho e perseverança foram atributos essenciais que permitiram a construção de uma trajetória de sucesso no setor farmacêutico. A Viver Mais se destacou ao adotar um conceito inovador de drugstore, que, para Dândido (2016), o drugstore não se limita à venda de medicamentos, mas abrange também produtos de higiene, beleza e conveniência em um modelo de autosserviço.

A expansão da Farmácia Viver Mais, começou em 1993, quando a primeira loja fora do Ceará foi inaugurada em Natal, Rio Grande do Norte. Desde então, a empresa não parou de crescer e atualmente está presente em todas as unidades da federação, consolidando-se como uma das maiores redes de farmácias do Brasil. Em Caruaru, por exemplo, já existem dez filiais da Viver Mais, refletindo a forte presença da marca na região. A recente aquisição da Farmácia Feliz Para Sempre pela Viver Mais também é um marco significativo, pois ambas as redes estão sob a mesma administração, ampliando ainda mais o alcance e os serviços oferecidos aos clientes.

O crescimento da Farmácia Viver Mais pode ser atribuído ao seu pioneirismo na transformação da farmácia em um ponto de apoio ao cliente, oferecendo não apenas medicamentos, mas uma gama de serviços que atendem às necessidades do consumidor moderno. Além disso, a constante busca por oferecer preços competitivos consolidou sua posição no mercado, especialmente entre a classe média, com forte presença nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

A recente compra da Feliz Para Sempre e a consolidação das ações da Viver Mais na Bolsa de Valores sinalizam um futuro promissor para a empresa. Este movimento a posiciona como um competidor robusto, preparado para aproveitar as externalidades positivas do mercado, como o envelhecimento populacional e o crescente interesse no autocuidado. De acordo com Silveira (2009), com essas mudanças, a Viver Mais tem a oportunidade de se expandir ainda mais, integrando o varejo de bairro e atendendo às demandas específicas de seus clientes.

Entretanto, a empresa também enfrenta desafios significativos, especialmente na execução de suas estratégias de crescimento. É essencial que a Viver Mais continue a aumentar suas vendas online e a expandir suas lojas físicas em um mercado cada vez mais competitivo. De acordo com Linconln (2006), a pressão da concorrência, tanto de outros players do setor farmacêutico quanto de varejistas de diferentes segmentos, exige inovação constante e adaptação às novas tendências de consumo.

Portanto, a trajetória da Farmácia Viver Mais exemplifica um caso de sucesso no setor varejista farmacêutico brasileiro, marcado pela visão empreendedora, inovação e adaptação às necessidades do mercado. À medida que a empresa se expande e enfrenta novos desafios, a sua capacidade de se reinventar e oferecer serviços relevantes será fundamental para consolidar sua posição de liderança.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados será estruturada em diferentes partes que abordarão aspectos relevantes sobre o contexto dos farmacêuticos e suas experiências profissionais. Inicialmente, será apresentado o perfil dos participantes, que incluirá dados demográficos, como idade, sexo e tempo de trabalho na área. Esses elementos são fundamentais para compreender a diversidade do grupo e suas possíveis influências nas experiências relacionadas às doenças psicossociais.

Na sequência, a análise se concentrará na rotina de trabalho dos farmacêuticos, abordando as diversas atividades que desempenham, como o atendimento ao cliente, as atividades em clínicas e as tarefas administrativas. Essa exploração permitirá identificar as demandas do cotidiano desses profissionais e como elas podem contribuir para o desenvolvimento de doenças psicossociais.

Além disso, serão discutidos os desafios enfrentados pelos farmacêuticos, considerando as pressões e dificuldades que podem impactar sua saúde mental e bem-estar. A identificação desses desafios é crucial para compreender as condições de trabalho e os fatores que podem levar ao surgimento de transtornos psicossociais.

Por fim, será feita uma reflexão sobre as vantagens e desvantagens da profissão dos farmacêuticos. Este aspecto é essencial para oferecer uma visão equilibrada sobre a carreira, destacando tanto os aspectos positivos que podem contribuir para a satisfação profissional quanto os negativos que podem resultar em estresse e insatisfação.

Ao abordar esses conteúdos, espera-se proporcionar uma análise abrangente e fundamentada, que possa contribuir para o entendimento das experiências dos farmacêuticos no contexto das doenças psicossociais.

4.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES

A análise dos dados demográficos dos participantes revela um perfil diversificado que pode influenciar diretamente as experiências relacionadas às doenças psicossociais. Com uma média de idade de 32 anos, a maioria dos respondentes (60%) é do sexo feminino, o que reflete a predominância de mulheres na área da farmácia. Essa configuração demográfica é significativa, pois, como destacado por Minayo (2010), as características pessoais e sociais desempenham um papel importante nas vivências e percepções de saúde.

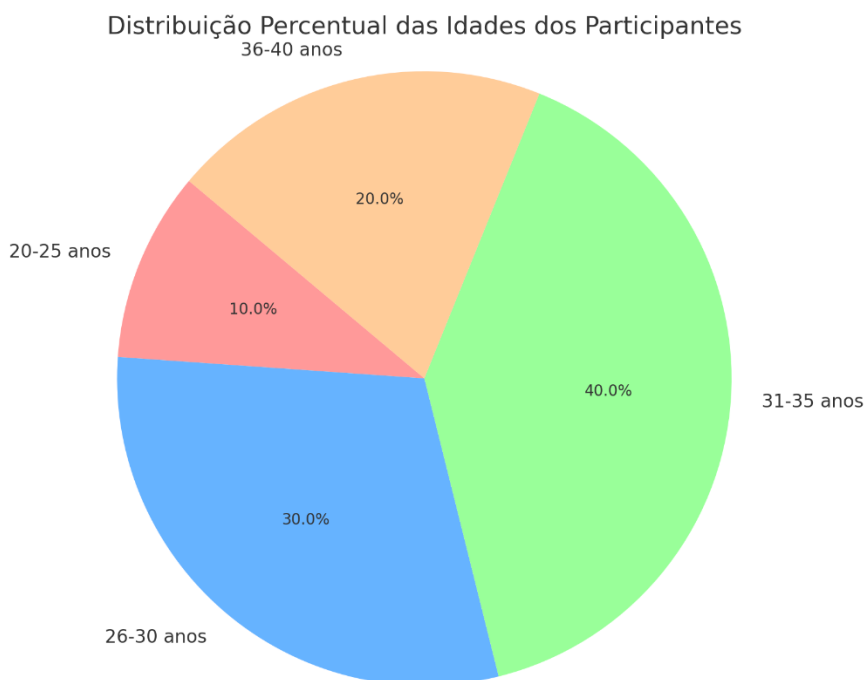
A distribuição etária demonstra que 40% dos participantes estão na faixa de 31 a 35 anos. Essa fase da vida profissional é frequentemente marcada por um aumento nas responsabilidades e na pressão por resultados. De acordo com Souza (2018), os profissionais em início de carreira podem enfrentar desafios únicos, pois estão ainda se adaptando às exigências do mercado de trabalho e às expectativas institucionais, o que pode gerar uma carga emocional considerável. Essa transição é crucial, pois muitos farmacêuticos, neste estágio, podem estar lidando com o peso de suas funções e a necessidade de equilibrar demandas profissionais com a vida pessoal.

Em termos de experiência profissional, 45% dos participantes têm entre 4 a 6 anos de atuação, o que indica que muitos estão em um estágio intermediário de suas carreiras. Segundo Araújo (2014), esta é uma fase em que a acumulação de funções e a exigência por resultados se tornam mais evidentes. A pressão para atender às expectativas do trabalho e lidar com um ambiente em constante mudança pode aumentar a vulnerabilidade a doenças psicossociais, uma vez que os profissionais enfrentam uma série de estressores que impactam sua saúde mental e emocional.

A distribuição do tempo de profissão revela que 15% dos participantes têm de 1 a 3 anos de experiência, 45% têm de 4 a 6 anos, 30% possuem de 7 a 9 anos e 10% têm 10 anos ou mais. Essa variação sugere que, além da faixa etária, a experiência acumulada pode influenciar a maneira como os farmacêuticos lidam com os desafios e as pressões do dia a dia. Gil (2019) ressalta que a experiência profissional pode afetar as habilidades de enfrentamento e a capacidade de adaptação a estressores, o que, por sua vez, pode resultar em diferentes níveis de satisfação e bem-estar no trabalho.

Em suma, a análise do perfil dos participantes indica que a combinação de fatores demográficos e a experiência profissional dos farmacêuticos são elementos fundamentais para entender as doenças psicossociais. O reconhecimento dessas nuances é essencial para a formulação de estratégias que promovam a saúde mental e o bem-estar no ambiente de trabalho, considerando a complexidade das realidades enfrentadas por esses profissionais.

A baixo pode-se observar gráficos com os dados de forma de acordo com a idade, sexo e tempo de profissão:

Gráfico 1 – Idade dos Participantes**Gráfico 2 – Sexo dos Participantes**

Distribuição de Sexo dos Participantes

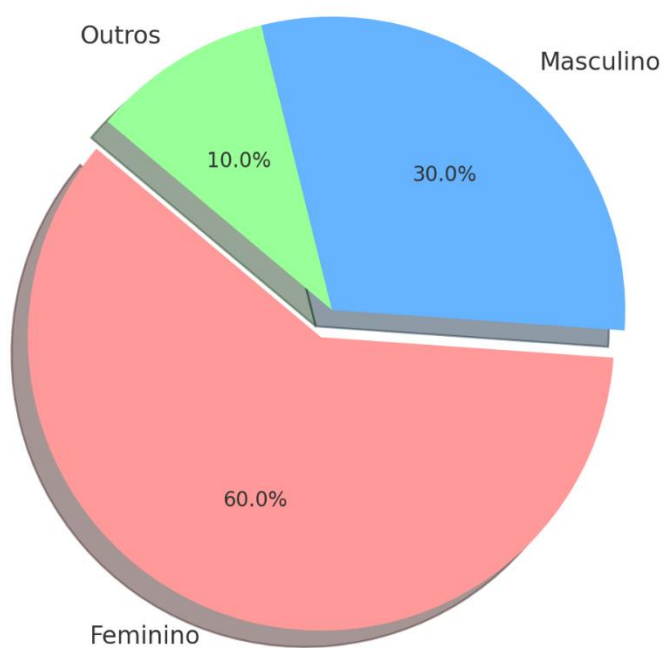
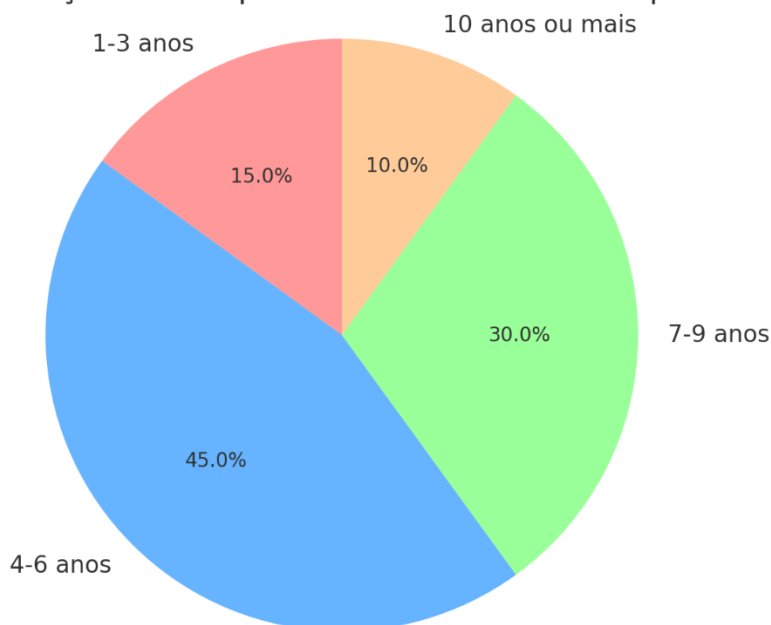


Gráfico 3 – Tempo de Profissão dos Participantes
Distribuição do Tempo de Profissão dos Participantes



4.2 ROTINA DE TRABALHO

A análise das rotinas de trabalho dos farmacêuticos revela a complexidade e a diversidade de suas atividades diárias, que se refletem diretamente nas pressões emocionais e psicossociais enfrentadas por esses profissionais. Os dados indicam que 80% dos participantes estão envolvidos no atendimento ao cliente, uma função que exige não apenas habilidades técnicas, mas também competências interpessoais e emocionais. Segundo Souza (2018), o atendimento ao público pode ser um desafio significativo, uma vez que os farmacêuticos frequentemente lidam com demandas emocionais e comportamentais dos clientes, o que pode gerar um estresse adicional.

A realização de atividades administrativas, mencionada por 70% dos farmacêuticos, também se configura como um fator que potencializa a sobrecarga. De acordo com Minayo (2010), a carga de trabalho elevada e as tarefas burocráticas podem levar à sensação de descompasso entre as expectativas e a realidade, resultando em um aumento da pressão psicológica. As funções administrativas muitas vezes consomem o tempo que poderia ser

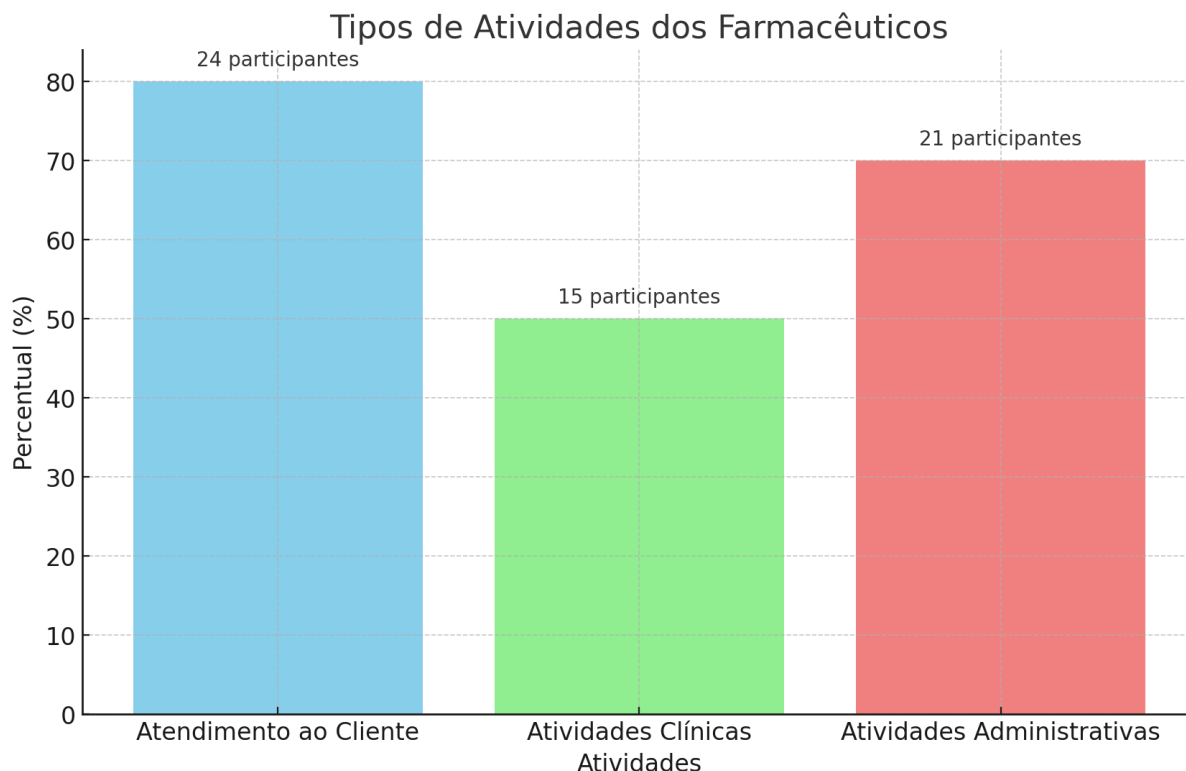
dedicado ao atendimento direto ao cliente e ao desenvolvimento de atividades clínicas, criando uma sensação de ineficácia e frustração.

A variedade de funções desempenhadas pelos farmacêuticos, que inclui desde o atendimento ao cliente até atividades clínicas, pode ser vista como uma faca de dois gumes. Por um lado, essa diversidade pode proporcionar uma experiência de trabalho gratificante, conforme sugerido por Gil (2019), que afirma que a variedade de tarefas pode enriquecer o trabalho e aumentar a satisfação profissional. No entanto, essa mesma variedade pode levar a um acúmulo de responsabilidades que contribui para o estresse e a exaustão mental, conforme discutido por Kovalesski e Bressan (2012). A dualidade das funções exercidas é um aspecto relevante no contexto das doenças psicossociais, já que a combinação de atividades pode elevar a carga emocional e a pressão sobre os farmacêuticos, gerando um ambiente propenso a questões de saúde mental.

A realização de atividades clínicas, mencionada por 50% dos participantes, como testes de glicemia e aferição de pressão, destaca a importância do papel do farmacêutico na promoção da saúde, mas também implica uma responsabilidade significativa. A pressão para desempenhar essas funções de forma eficaz e a necessidade de atender a padrões elevados podem gerar um impacto psicológico considerável, uma vez que os profissionais sentem a responsabilidade pelo bem-estar dos pacientes. Nesse sentido, Souza (2018) enfatiza que a responsabilidade associada ao atendimento em saúde pode ser um fator de estresse, especialmente quando não há suporte adequado no ambiente de trabalho.

Portanto, a análise das rotinas de trabalho dos farmacêuticos revela a necessidade de uma abordagem que considere a complexidade das funções desempenhadas e suas implicações para a saúde mental dos profissionais. A promoção de um ambiente de trabalho que favoreça o bem-estar emocional, com apoio institucional e estratégias de manejo do estresse, é crucial para mitigar os efeitos negativos das demandas do dia a dia. Criar espaços de diálogo e suporte pode ser fundamental para promover a saúde mental e melhorar a qualidade de vida dos farmacêuticos, que desempenham um papel vital na assistência à saúde da população.

Abaixo pode-se analisar o gráfico de nº 4 conforme os tipos de atividades dos farmacêuticos.

Gráfico 4 – Tipos de Atividades dos Farmacêuticos

Os desafios enfrentados pelos farmacêuticos são expressivos e refletem uma realidade complexa e multifacetada. A carga de trabalho excessiva, mencionada por 65% dos participantes, é um problema recorrente que impacta a saúde mental e emocional desses profissionais. De acordo com Souza (2018), um ambiente de trabalho sobrecarregado pode gerar estresse e insatisfação, influenciando a saúde psicossocial dos trabalhadores. O aumento do volume de atendimentos, especialmente durante a pandemia de COVID-19, foi destacado por 75% dos respondentes como uma pressão adicional. Essa situação reforça a ideia apresentada por Minayo (2010) de que as demandas externas e a pressão por produtividade podem levar os profissionais a vivenciarem níveis elevados de estresse.

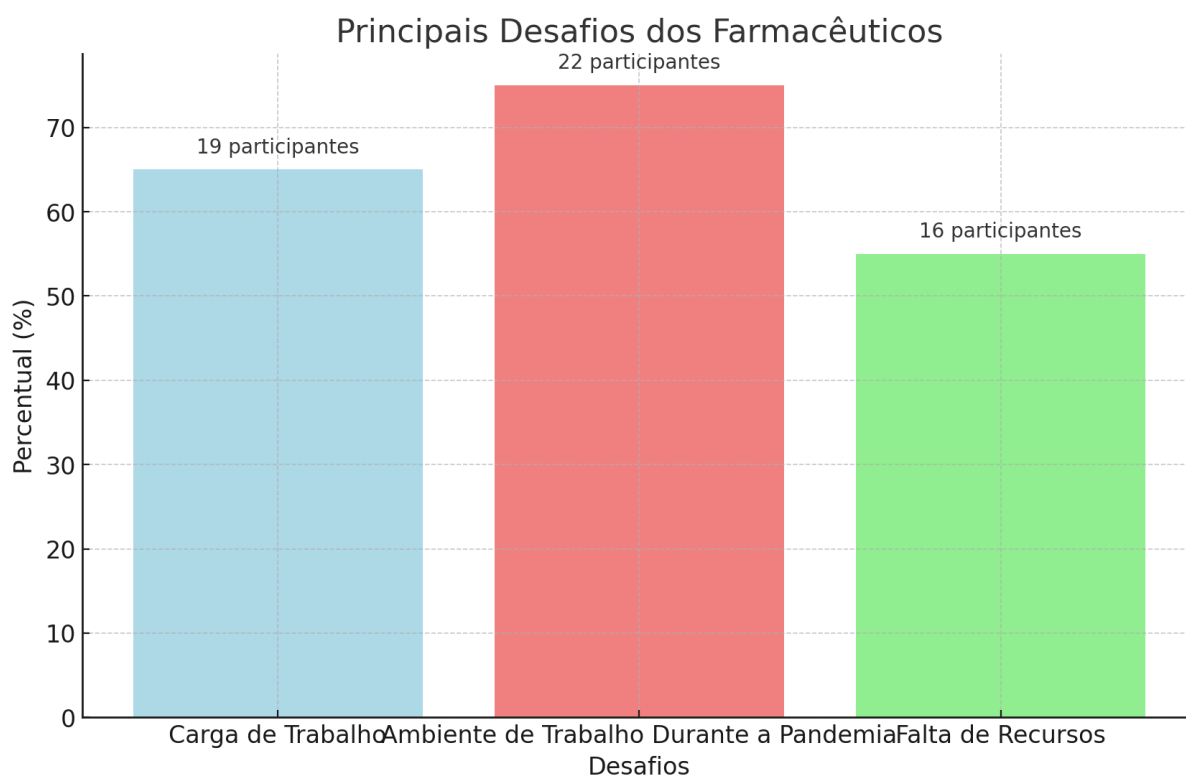
A escassez de recursos e a falta de funcionários, citadas por 55% dos participantes, configuram outro desafio significativo. Como apontam Denzin e Lincoln (2006), a escassez de apoio pode intensificar as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores, criando um cenário onde a sobrecarga é a norma. Essa falta de suporte não apenas aumenta a pressão sobre os farmacêuticos, mas também contribui para um ciclo vicioso em que a carga de trabalho se torna insustentável, resultando em consequências diretas para a saúde mental. Gil (2019) ressalta que

a percepção de falta de recursos adequados está frequentemente associada à sensação de desamparo, um dos fatores críticos nas discussões sobre saúde mental no ambiente de trabalho.

A análise dos desafios enfrentados pelos farmacêuticos indica que a carga de trabalho excessiva, a pressão emocional e a falta de recursos são fatores interconectados que não apenas comprometem o desempenho profissional, mas também impactam a saúde mental. Esses elementos devem ser abordados em um contexto mais amplo, considerando as particularidades do ambiente de trabalho na área da saúde, conforme discutido por Araújo (2024). Assim, a identificação e compreensão desses desafios se tornam fundamentais para a construção de estratégias que promovam a saúde e o bem-estar dos farmacêuticos.

Em resumo os principais desafios mencionados pelos farmacêuticos incluem:

Gráfico 5 – Desafios Encontrados pelos Farmacêuticos



No que diz respeito à análise das vantagens e desvantagens da profissão farmacêutica revela um quadro complexo que reflete tanto as motivações intrínsecas dos profissionais quanto os desafios enfrentados no cotidiano. A possibilidade de ajudar as pessoas foi identificada como uma grande motivação por 85% dos participantes. Esse desejo de contribuir para a saúde da população é um fator positivo, que, segundo Souza (2018), pode atuar como um amortecedor contra o estresse, promovendo um senso de realização e propósito. A satisfação em ajudar os

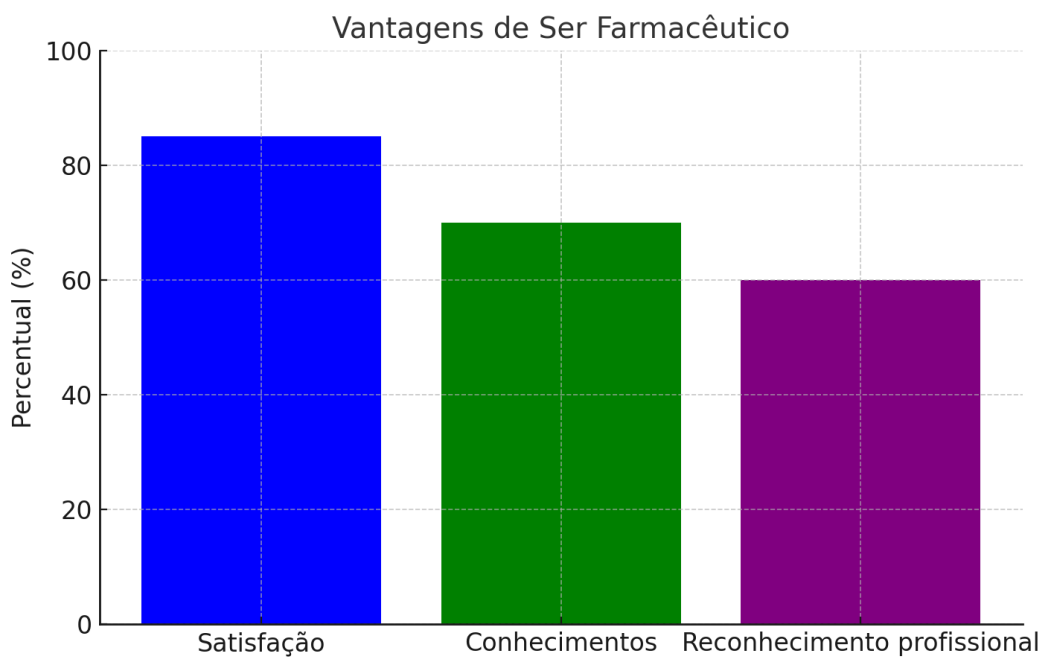
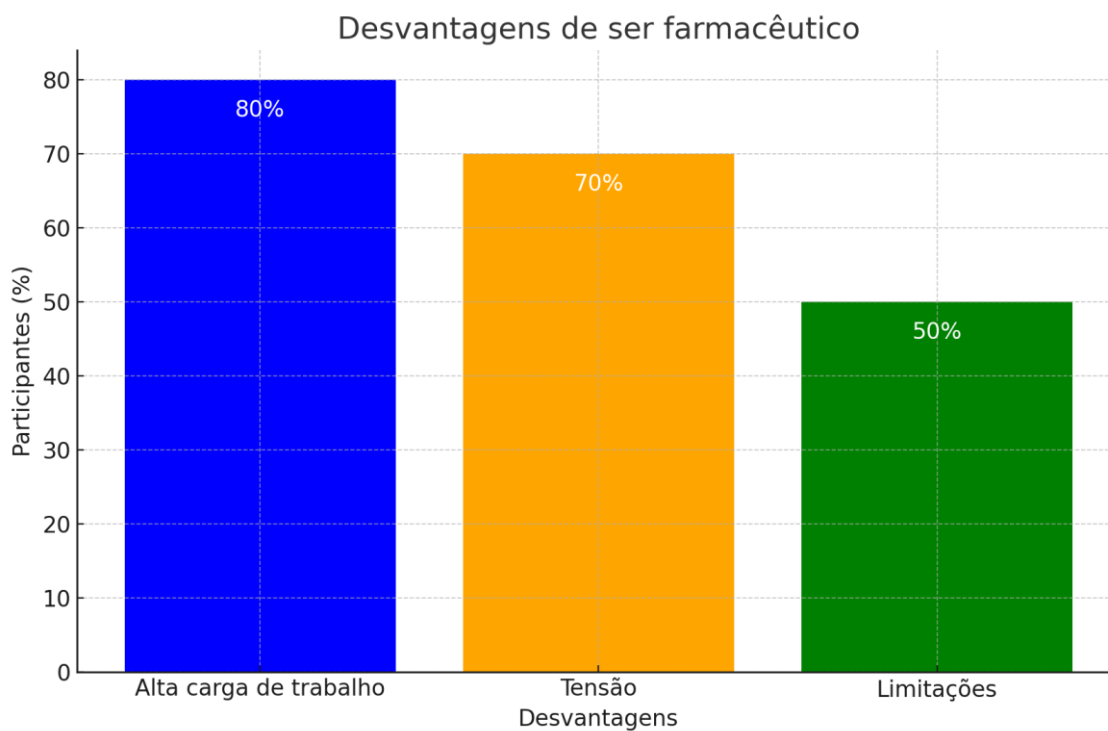
outros está alinhada com a literatura sobre saúde psicossocial, que destaca a importância de encontrar sentido no trabalho como um fator protetor contra problemas de saúde mental.

Por outro lado, as desvantagens apresentadas pelos farmacêuticos são igualmente relevantes e podem impactar a saúde mental desses profissionais. A alta carga de trabalho foi relatada por 80% dos participantes, o que indica uma pressão significativa sobre os farmacêuticos. Minayo (2010) argumenta que a sobrecarga de trabalho e as demandas emocionais são fatores que podem contribuir para o desgaste profissional. Além disso, 70% dos respondentes mencionaram a pressão para atender a demanda como um fator estressante. Essa pressão não apenas afeta a qualidade do atendimento, mas também pode levar a sentimentos de frustração e insatisfação, conforme discutido por Denzin e Lincoln (2006).

Outro ponto importante é a desvalorização salarial e a necessidade de trabalhar em horários irregulares, como fins de semana, que foram citadas como fatores que contribuem para a insatisfação profissional. Gil (2019) destaca que a percepção de desvalorização pode impactar a motivação e o bem-estar dos trabalhadores, levando a um aumento da insatisfação e do estresse. Além disso, as limitações na prescrição de medicamentos, mencionadas por 50% dos participantes, refletem uma frustração com as restrições legais que podem limitar a autonomia do farmacêutico e afetar sua capacidade de atuação.

Em suma, as vantagens e desvantagens da profissão farmacêutica são interdependentes e complexas. A satisfação em ajudar os outros e a aplicação de conhecimentos técnicos são aspectos motivadores que podem servir como fatores protetores. No entanto, a alta carga de trabalho, a pressão para atender à demanda e a desvalorização salarial são desafios que precisam ser abordados para garantir o bem-estar dos farmacêuticos e a qualidade do serviço prestado à população. Assim, é fundamental que políticas de valorização e suporte sejam implementadas para mitigar os riscos associados a esses fatores e promover um ambiente de trabalho saudável.

Abaixo é possível analisar os gráficos demonstrando as vantagens e desvantagens de ser farmacêuticos.

Gráfico 6- Vantagens de ser Farmacêutico**Gráfico 7 – Desvantagens de Ser Farmacêuticos**

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão deste trabalho visa sintetizar os principais achados da pesquisa sobre as doenças psicossociais e seu impacto na vida dos farmacêuticos, avaliando se os objetivos estabelecidos foram efetivamente alcançados. É importante ressaltar, que os resultados obtidos revelaram que as doenças psicossociais não apenas afetam a saúde física, mental e emocional desses profissionais, mas também têm implicações diretas na qualidade do atendimento prestado e na satisfação pessoal dos farmacêuticos. Ao longo da pesquisa, foi possível observar que os farmacêuticos enfrentam uma série de desafios que se inter-relacionam, impactando sua performance e bem-estar.

O objetivo geral de analisar como as doenças psicossociais afetam a saúde dos farmacêuticos foi cumprido, uma vez que a pesquisa evidenciou que 65% dos participantes relataram a carga de trabalho excessiva como um dos principais obstáculos em sua rotina. Essa pressão constante, conforme discutido por Souza (2018), pode contribuir significativamente para a deterioração da saúde mental e emocional dos profissionais. As condições de trabalho, incluindo a falta de recursos e a pressão por resultados, são fatores que agravam esse cenário, conforme apontado por Minayo (2010).

A análise das consequências das doenças psicossociais no desempenho profissional foi outro objetivo específico abordado. Os dados demonstraram que a pressão para atender a um número crescente de clientes, especialmente durante a pandemia de COVID-19, intensificou as preocupações com a saúde tanto dos farmacêuticos quanto dos pacientes. Isso se alinha com a literatura, que afirma que o estresse ocupacional pode levar à diminuição da qualidade do atendimento ao cliente (Denzin & Lincoln, 2006). Dessa forma, as doenças psicossociais têm um impacto direto na capacidade dos farmacêuticos de oferecer um serviço de qualidade.

Além disso, a pesquisa também buscou investigar as principais causas do surgimento das doenças psicossociais, abordando aspectos como condições de trabalho, carga horária, demandas emocionais e interações com o público. Os resultados mostraram que a maioria dos farmacêuticos enfrenta desafios significativos em relação à carga de trabalho, com 80% relatando que a alta demanda é um fator estressante. Gil (2019) discute que a falta de reconhecimento e a desvalorização profissional podem agravar a situação, contribuindo para um ambiente de trabalho desfavorável.

Em resposta à pergunta-problema do trabalho, "Qual é o impacto das doenças psicossociais na vida dos farmacêuticos?", os dados coletados indicam que os farmacêuticos não apenas enfrentam consequências negativas em sua saúde mental, mas também experimentam um comprometimento na satisfação pessoal e na qualidade do atendimento ao cliente. Essa inter-relação entre saúde mental e desempenho profissional é crucial para entender a necessidade de ações voltadas para a promoção do bem-estar no ambiente farmacêutico.

O trabalho alcançou seus objetivos ao traçar o perfil dos farmacêuticos, demonstrando que a maioria dos participantes é jovem e está em um momento de carreira em que as responsabilidades e as pressões são significativas. A diversidade de atividades diárias e as interações com os clientes foram identificadas como fontes tanto de satisfação quanto de estresse, conforme evidenciado nas respostas dos participantes. Isso reforça a importância de se considerar o contexto profissional e as experiências individuais ao discutir as doenças psicossociais na área.

Além disso, a pesquisa contribui para a conscientização sobre a importância da saúde mental no setor farmacêutico, destacando a necessidade urgente de intervenções que promovam o bem-estar e o suporte aos profissionais. Políticas de valorização, além de medidas de suporte emocional e psicológico, são essenciais para mitigar os efeitos das doenças psicossociais e promover um ambiente de trabalho mais saudável.

A literatura demonstra que fatores como carga horária excessiva, falta de apoio e pressão por resultados são determinantes para o surgimento de doenças psicossociais entre farmacêuticos (Seligmann-Silva, 2011). A experiência do pesquisador, marcada por pressão e exaustão, ilustra essa realidade, mostrando o impacto dessas condições na saúde e no desempenho profissional. Embora uma melhora tenha ocorrido após mudanças no ambiente, o desgaste acumulado destaca a importância de práticas preventivas e de suporte psicológico para a saúde desses profissionais.

Por fim, este estudo serve como um chamado à ação para que os gestores e as instituições do setor farmacêutico reconheçam a relevância das condições de trabalho e do suporte à saúde mental. Investir na saúde psicossocial dos farmacêuticos não é apenas uma questão de responsabilidade social, mas também uma estratégia vital para garantir a qualidade do atendimento e a satisfação dos profissionais. O fortalecimento da saúde mental no ambiente de trabalho é um passo fundamental para o desenvolvimento sustentável da profissão farmacêutica e para a saúde da população atendida.

REFERÊNCIAS

- ABREU, K. L. D.; STOLL, I.; RAMOS, L. S.; BAUMGARDT, R. A.; KRISTENSEN, C. H. **Estresse ocupacional e Síndrome de Burnout no exercício profissional da psicologia**. Psicologia: ciência e profissão, v. 22, p. 22-29, 2002.
- ABREU, M. A.; SILVA, J. C.; SANTOS, P. R. **Saúde mental e as transformações no trabalho**. Revista Brasileira de Psicologia Organizacional, 2000.
- ARAÚJO, Emilian Alexandra Vale. **Síndrome de Burnout em farmacêuticos**. 2014. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4492/1/PPG_21511.pdf>. Acesso em: 1 out. 2023.
- ARAÚJO, L. M.; SANTOS, R. S. **Impactos da Síndrome de Burnout na Saúde dos Trabalhadores**. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 46, n. 2, p. 123-134, 2021.
- BARRETO, N. P. M.; VIEIRA, P. L. D. C. **Síndrome de burnout: um estudo sobre suas causas nos colaboradores e a respectiva responsabilidades das empresa**. Disponível em: <<http://ric-cps.eastus2.cloudapp.azure.com/bitstream/123456789/4725/1/NATHALIA-E-PATRICIA%20TG-SINDROME-DE-BURNOUT.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2023.
- BARRETO, J. F.; MARTINS, L. F. **Saúde mental no trabalho: uma abordagem psicológica e sociológica**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.
- BENEVIDES, Rosane; PEREIRA, Iraci. **Burnout: Estresse, Trabalho e o Prazer de Sofrer**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- CAMPINAS. Caderno do gestor oficina. **Sua Vida em Alta Definição: conhecimento e manejo do Estresse**. Prefeitura Municipal de Campinas-SP, 2016. Disponível em: <www.ee.usp.br/posgraduacao/mestrado/apostilas/sua_vida_em_alta_definicao.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- CAMPINAS, A. S. **Saúde mental e suas implicações no ambiente de trabalho**. In: SANTOS, J. R. (Org.). Saúde e trabalho: perspectivas e desafios. Campinas: Editora Unicamp, 2016. p. 50-67.
- CÂNDIDO, J.; SOUZA, L. R. **Síndrome de Burnout: as novas formas de trabalho que adoecem**. Psicologia.PT, 2016. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1054.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2023.
- CODO, Wanderley. **Educação: Carinho e Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CURY, J. A. **Modelos de organizações: uma análise comparativa**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.
- DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 2015.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FREITAS, A. R.; LIMA, M. A. **Fatores de risco para o desenvolvimento da Síndrome de Burnout em profissionais de saúde**. Psicologia: Teoria e Prática, v. 21, n. 1, p. 45-58, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Atlas, 2019.

GERHARDT SILVEIRA, A. **Pesquisa qualitativa: métodos e técnicas**. Editora Vozes, 2009.

KOVALESKI, J. L.; BRESSAN, C. **O mercado farmacêutico brasileiro: desafios e oportunidades**. Editora Atlas, 2012.

MASLACH, C.; LEITER, M. P. **Burnout: uma perspectiva organizacional**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

MEIRELES, L. A. **Gestão de pessoas e organizações: desafios contemporâneos**. São Paulo: Editora Saraiva, 2003.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório sobre a saúde mental e a pandemia**. 2021.

PERNICIOTTI, Patrícia et al. **Síndrome de Burnout nos profissionais de saúde: atualização sobre definições, fatores de risco e estratégias de prevenção**. Revista da SBPH, v. 23, n. 1, p. 35-52, 2020.

RABIN, A.; DIAS, M. C.; COSTA, R. A. **Psicologia do trabalho e da organização: uma perspectiva interdisciplinar**. São Paulo: Editora Pearson, 2000.

RODRIGUES, A.; SANTOS, P. **Impacto do estresse ocupacional em profissionais de saúde**. Rev. Saúde Pública, v. 42, n. 1, p. 12-22, 2017.

RODRIGUES, Luana; SANTOS, Mariana. **Burnout em Profissionais de Saúde Durante Pandemias**. Revista Brasileira de Psicologia da Saúde, v. 29, n. 3, p. 324-340, 2017.

SILVA, F. C.; LOPES, M. A. **Saúde Mental no Trabalho: Uma Abordagem da Psicologia Organizacional**. São Paulo: Editora Atlas, 2018.

SILVA, J. **Estresse ocupacional e saúde mental no ambiente de trabalho**. Revista Brasileira de Psicologia, v. 32, n. 4, p. 345-360, 2010.

SILVA, M. R. da; BARBOSA, E. P. **O impacto da pandemia na saúde mental dos profissionais de saúde: um estudo sobre o burnout.** Revista Brasileira de Terapia Comportamental, v. 3, n. 1, p. 45-56, 2021.

SOUZA, F. R.; CÂNDIDO, M. **Farmácia e saúde pública: uma análise das políticas e práticas.** Editora Fiocruz, 2016.

SOUZA, R. **Políticas de Saúde Mental no Brasil: avanços e desafios.** São Paulo: Editora Fiocruz, 2018.

TRIGO, T. R.; TENG, C. T.; HALLAK, J. E. C. **Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos.** Rev. Psiquiatr. Clín, 2007.

TRINDADE, D. M.; OLIVEIRA, P. L. **Burnout Organizacional: Causas e Consequências em Ambientes de Trabalho.** Revista de Administração e Inovação, v. 17, n. 3, p. 267-283, 2020.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Essa pesquisa faz parte de um trabalho de conclusão de curso de administração da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação da professora Luciana Cramer.

1. Idade

- ☐ () Menos de 20 anos
- ☐ () 20 a 30 anos
- ☐ () 31 a 40 anos
- ☐ () 41 a 50 anos
- ☐ () Mais de 50 anos

2. Sexo

- ☐ () Masculino
- ☐ () Feminino
- ☐ () Outro

3. Tempo de profissão

- ☐ () Menos de 1 ano
- ☐ () 1 a 5 anos
- ☐ () 6 a 10 anos
- ☐ () 11 a 15 anos
- ☐ () Mais de 15 anos

4. O que significa ser farmacêutico(a) pra você?

5. Fale um pouco sobre como é seu trabalho no dia a dia na farmácia.

6. Quais os principais desafios enfrentados na sua rotina diária como farmacêutica(a)?

7. Quais foram as dificuldades no ambiente de trabalho, na época que a pandemia estava em alta?
8. Quais as vantagens e desvantagens de trabalhar como farmacêutico(a)?
9. Já trabalhou ou conhece algum farmacêutico que foi afastado das suas atividades por causa de alguma doença psicossocial?
 - () Sim
 - () Não
10. Em algum momento você sentiu que estava com exaustão mental por causa do seu trabalho?
 - () Sim
 - () Não